



Universidade Federal da Bahia
Instituto de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia



Felipe Melo Souza Santos

Amor Romântico, Ideais e Satisfação nos Relacionamentos Amorosos

Salvador, Bahia

2019



Universidade Federal da Bahia
Instituto de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia



Felipe Melo Souza Santos

Amor Romântico, Ideais e Satisfação nos Relacionamentos Amorosos

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Departamento de Psicologia da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia. Área de concentração: Psicologia Social e do Trabalho

Orientador: Prof. Dr. Marcos Emanuel Pereira

Salvador, Bahia

2019

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

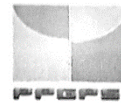
Santos, Felipe
Amor, Ideais e Satisfação nos Relacionamentos
Amorosos / Felipe Santos. -- Salvador-BA, 2019.
80 f.

Orientador: Marcos Emanuel Pereira.
Dissertação (Mestrado - Psicologia) -- Universidade
Federal da Bahia, Instituto de Psicologia, 2019.

1. Amor. 2. Sexismo. 3. Discrepância real-ideal. 4.
Satisfação nos relacionamentos. 5. Relacionamentos
amorosos. I. Pereira, Marcos Emanuel. II. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - UFBA
Instituto de Psicologia - IPS
Programa de Pós-Graduação em Psicologia - PPGPSI
MESTRADO ACADÊMICO E DOUTORADO



TERMO DE APROVAÇÃO

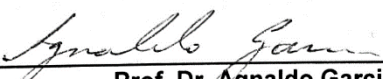
**“AMOR ROMÂNTICO, IDEAIS E A SATISFAÇÃO NOS RELACIONAMENTOS
AMOROSOS”**

Felipe Melo Souza Santos

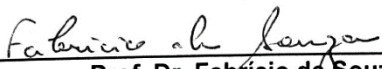
BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Marcos Emanuel Pereira (Orientador)
Universidade Federal da Bahia – UFBA



Prof. Dr. Agnaldo Garcia
Universidade Federal Espírito Santo - UFES



Prof. Dr. Fabricio de Souza
Universidade Federal da Bahia – UFBA

Salvador, 05 de agosto de 2019.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de começar agradecendo à minha família, meu eterno núcleo: Rivaldo, Olívia, Rafael e Paula, pelas inspirações, aspirações e oportunidades; e à Flora e à Sabrina. Obrigado pelo apoio incondicional e por apostar em mim. Sou muito grato por poder contar com vocês.

Agradeço aos amigos e às amigas que estiveram, estão e estarão comigo neste trajeto, e não poderia deixar de agradecer especialmente à Manu e a Chuchu. Não posso esquecer da minha Liga da Justiça, em especial, João, Aline, Júlia e Maurício. Obrigado pela amizade, pelas revisões, pelos jogos de tabuleiro e por tudo o mais.

Gostaria de agradecer às queridas Sidnei, Sunna e Amanda por me ensinarem o que é análise do comportamento clínica e por me mostrarem o que é ser ético, respeitoso e genuíno. Um abraço forte e especial à Tiago, por me ensinar desde a graduação que escrever (e apresentar) é gostoso e valoroso, e que existe sempre uma forma de fazer melhor. Obrigado pela parceria, pela amizade, pelo apoio e pelas risadas!

Um grande abraço e agradecimento para Marcos, pelas orientações, pela paciência, por me ensinar como ser sensato e o jeito certo de se trabalhar. Tenho muito orgulho de tê-lo como orientador, sem aleivosias! Ao pessoal do LEPPS: obrigado! Um salve especial à Rogério, Gil, Larissa e Carina. Vamos nessa, minha gente!

Para Caíque, meu garoto, que um dia vai entender do que é que eu estou falando nessa dissertação.

E para *mi cariño* Leilanne: obrigado por me ensinar, na prática, o que os resultados deste trabalho têm a dizer. Obrigado pela coragem, pelo amor, e pelo caminhar junto.

LISTA DE ABREVIATURAS

PRQCI – *Perceived Relationship Quality Components Inventory*: Inventário de Componentes da Qualidade do Relacionamento Percebida

IPI – *Ideal-Partner Inventory*: Inventário de Parceiro-Ideal

ISA – Inventário do Sexismo Ambivalente

TSA – Teoria do Sexismo Ambivalente

ETAS – Escala Triangular do Amor de Sternberg

ETAS-R – Escala Triangular do Amor de Sternberg Reduzida

TLS – *Triangular Love Scale*: Escala Triangular do Amor

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1.** Representação gráfica das relações entre as variáveis e as hipóteses.....31
- Figura 2.** Gráfico indicando a diferença nos escores de satisfação em relação aos três grupos (-1, 0, 1) de discrepância de relação entre parceiro real e ideal, conforme resultados obtidos através da ANOVA ($F(2,183) = 17.14, p < 0.001, \eta^2 = 0.158$).....37
- Figura 3.** Gráfico da ANOVA com resultados da relação entre o participante ter alto ou baixo nível de sexismo hostil e seu(a) parceiro(a) ser ou não ser da mesma etnia que o participante. ($F(1,182) = 9.221, p = 0.012, \eta^2 = 0.033$).....41

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Características Demográficas dos Participantes (n=192)	33
Tabela 2. Poder explicativo dos traços preferidos para os parceiros: Confiabilidade/Calorosidade (CC), Vitalidade/Atratividade (VA), Status e Recursos (SR)	38
Tabela 3. Coeficientes resultantes de uma regressão linear de intimidade, compromisso, e paixão em satisfação.....	40
Tabela 4. Regressões lineares <i>Stepwise</i> gerando cinco modelos Modelo Geral da Satisfação, que culminaram no Modelo Geral da Satisfação (Modelo 5), mantendo as variáveis Compromisso, Intimidade, Sexismo hostil, Tempo de relacionamento e Discrepância entre parceiro real e ideal influenciando nos níveis de satisfação dos participantes.....	42

RESUMO

A temática dos relacionamentos amorosos é um tópico de grande relevância para o campo da psicologia social e para o público leigo. A produção de conhecimentos em relacionamentos amorosos tem uma tradição em avaliar possíveis fatores que influenciam na satisfação que um indivíduo sente em seu relacionamento. Dentre os fatores de influência, encontram-se os estudos sobre ideologias românticas e suas descrições e prescrições de como homens e mulheres devem se comportar nos relacionamentos, bem como o que devem esperar de seus parceiros. Partindo-se disto, este estudo buscou avaliar como a discrepância entre o parceiro real e ideal, o amor, e os sexismos benevolente e hostil influenciam na satisfação nos relacionamentos amorosos de indivíduos heterossexuais. A pesquisa avaliou 192 participantes, sendo 155 mulheres e 37 homens atualmente num relacionamento amoroso por pelo menos um ano. Foram aplicados quatro inventários para avaliar os níveis de discrepância entre parceiro real e ideal, o nível de amor (i.e., intimidade, paixão e compromisso), sexismo e satisfação. Os participantes responderam a estes inventários pela internet, bem como a um termo de consentimento livre e esclarecido e um questionário sociodemográfico. A partir da análise de dados, foi encontrado efeito significativo dos impactos da discrepância e do amor na satisfação dos relacionamentos amorosos, mas não dos sexismos num primeiro momento. Um modelo geral da satisfação foi criado, calculando o impacto relativo de todas as variáveis, e o sexismo hostil emergiu como uma variável relevante reduzindo a satisfação em relacionamentos românticos. O modelo é interpretado como uma estrutura abrangente sobre os fatores que afetam a satisfação. Os resultados foram discutidos, assim como as limitações e possibilidades futuras derivadas.

Palavras-chave: amor; sexismo; discrepância real-ideal; satisfação nos relacionamentos; relacionamentos amorosos.

ABSTRACT

Romantic relationships are a very relevant field for social psychologists and for the lay public. Knowledge production on romantic relationships has a tradition in evaluating possible factors influencing satisfaction levels that an individual feel in their relationship. Among the factors of influence are studies of romantic ideologies and their descriptions and prescriptions of how men and women should behave in relationships, as well as what to expect from their partners. From this, the study sought to evaluate how the discrepancy between the real and ideal partner, love, and benevolent and hostile sexism influence the satisfaction in the romantic relationships of heterosexual individuals. The survey evaluated 192 participants, 155 women and 37 men currently in a romantic relationship for at least a year. Four inventories were applied to assess levels of discrepancy between real and ideal partner, the level of love (i.e., intimacy, passion and commitment), sexism, and satisfaction. Participants responded to these inventories through the internet, as well as a free informed consent form and a sociodemographic questionnaire. From the analysis of data, we found a significant effect of the impacts of discrepancy and love on the satisfaction of love relationships, but not on sexism at first. A general satisfaction model was created, calculating the relative impact of all variables, and hostile sexism emerged as a relevant variable reducing satisfaction on romantic relationships. The model is interpreted as a comprehensive framework about the factors that impact satisfaction. The results were discussed, as well as the limitations and future possibilities derived.

Keywords: romantic love; sexism; real-ideal discrepancy; satisfaction in relationships; romantic relationships

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	12
2. DA ATRATIVIDADE AOS RELACIONAMENTOS AMOROSOS.....	14
2.1. Relacionamentos amorosos heterossexuais: o papel da satisfação.....	18
2.2. Preferências pessoais e a congruência entre parceiros real e ideal.....	23
2.3. Teoria do sexismo ambivalente: os sexismos hostil e benevolente e as expectativas de homens e mulheres.....	26
2.4. Amor romântico e seus constituintes.....	30
2.4.1 Compromisso.....	32
2.4.2 Intimidade.....	36
2.4.3 Teoria triangular do amor.....	38
2.5. Problema de pesquisa e hipóteses.....	39
3. MÉTODO.....	41
3.1. Delineamento do estudo.....	41
3.2. Participantes.....	41
3.3. Instrumentos.....	43
3.4. Procedimentos.....	44
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	46
4.1. Hipótese 1.....	46
4.2. Hipótese 2.....	50
4.3. Hipóteses 3 e 4.....	51
4.4. Modelo Geral da Satisfação.....	53
5. CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS.....	58
REFERÊNCIAS.....	64
ANEXO 1.....	70
ANEXO 2.....	73
ANEXO 3.....	75
ANEXO 4.....	77
ANEXO 5.....	80

APRESENTAÇÃO

Os relacionamentos amorosos são um tópico bastante importante no cotidiano das pessoas, sobretudo nas sociedades ocidentais. Há muito estudo sendo feito em todo o globo, desde pelo menos a década de 40 (e.g., Hill, 1945). Apesar de novas formas de relacionamento estarem sendo discutidas e mais bem-aceitas na contemporaneidade (e.g., Rambukkana, 2015), homens e mulheres continuam se envolvendo bastante em relações monogâmicas, justificando a minha curiosidade pessoal, profissional e acadêmica em estudá-las.

Os fatores relevantes para a satisfação nos relacionamentos amorosos seguem sendo bastante estudados (e.g., Overall, Fletcher & Simpson, 2006; Sternberg, 1997), sobretudo no impacto que estas têm na qualidade de vida do indivíduo (e.g., Selcuk, Karagobek & Gunaydin, 2018), produzindo dados melhorando a compreensão de fenômenos relevantes para díades conjugais (i.e., casais), podendo influenciar no modo como se percebe e se lida com relacionamentos amorosos.

A relevância deste trabalho está em produzir conhecimento especializado e útil, bem como produzir autoconhecimento para praticantes, pesquisadores e membros de díades. O leitor poderá se beneficiar do exame de alguns dos elementos que constituem 'satisfação' nos relacionamentos amorosos, inclusive no que tange a quais elementos podem ser mais relevantes para o sucesso destas relações.

Este estudo se embasa em tradições de décadas de investigações e pesquisas em relacionamentos amorosos, utilizando conceitos da psicologia social cognitiva, bem como o que tem sido produzido de mais atual neste campo. Algumas das referências são bastante recentes e isto pode dar ao leitor um bom panorama do que tem sido produzido. Além disto, este estudo toca em questões de gênero à medida

em que inclui elementos dos sexismos e a relevância destes para os relacionamentos, utilizando dados e produção teórica de um *framework* de gênero.

Os resultados obtidos indicam que elementos como compromisso, intimidade, paixão, sexismo e fatores de preferência por ideais têm bastante relevância na satisfação nos relacionamentos amorosos. Espero que, de modo geral, o estudo seja benéfico para o campo.

2. DA ATRATIVIDADE AOS RELACIONAMENTOS AMOROSOS

Os relacionamentos amorosos têm sido considerados um aspecto central na vida de homens e mulheres (Becker & Sibley, 2016), e constituem um elemento de grande importância para a satisfação e qualidade de vida de adultos por todo o mundo (Selcuk, Karagobek & Gunaydin, 2018). Em uma meta-análise recente, que inclui 148 estudos com mais de 300 mil adultos, os dados apresentados permitem evidenciar que a qualidade das relações sociais está ligada a um aumento de 50% nas chances de sobrevivência das pessoas, inclusive moderando o efeito de problemas de saúde bem conhecidos como o tabagismo, a obesidade e a poluição (Holt-Luntad, Smith, & Layton, 2010).

Desde que Hill (1945) publicou o seu artigo seminal sobre os fatores que levam indivíduos a se atraírem uns pelos outros, os estudos de atratividade (e.g., Berscheid, 1985) floresceram bastante no campo da psicologia social, expandindo-se e gerando um novo campo de estudo independente: o do estudo dos relacionamentos amorosos, que se preocupa com questões relativas à manutenção, estabilidade, custos e benefícios, e satisfação nas relações (e.g., Berscheid, 1985; Sternberg, 1997; Clark & Lemay, 2010; Gaines, 2016). Nos anos 80, a partir da revolução cognitiva (Gaines, 2016), as pesquisas começaram a enfatizar aspectos intrassubjetivos e cognitivos relacionados à qualidade dos relacionamentos amorosos, bem como os custos e os benefícios de sua manutenção e os impactos do relacionamento na qualidade de vida dos indivíduos (Selcuk, Karagobek & Gunaydin 2018).

Duas teorias paradigmáticas no campo das relações amorosas exploraram as cognições, os comportamentos, e os processos interpessoais que influenciam nas relações amorosas. A primeira delas é a teoria da interdependência (Thibaut & Kelley, 1959; Kelley & Thibaut, 1978), cujo argumento central é de que as relações de

proximidade exercem influência mútua (i.e., em ambos os membros do casal ou díade) nos sentimentos, pensamentos e comportamentos dos parceiros em relações, incluindo-se as relações amorosas. Mais recentemente, Harry Reis e colaboradores (Reis & Shaver, 1988; Reis, Clark & Holmes, 2004) formularam a teoria da responsividade, que tem sido utilizada como um quadro teórico de onde os estudos de relacionamentos amorosos têm se baseado, de modo complementar a teoria da interdependência (Gaines, 2016). A teoria da responsividade asseve que as relações de proximidade têm na responsividade percebida o elemento central para a avaliação de um relacionamento, que reflete uma crença de que o nosso parceiro amoroso nos entende, nos valida e cuida de nós - e que nós fazemos o mesmo com eles, gerando qualidade e satisfação na relação amorosa (Clark & Lemay, 2010; Selcuk, Karagobek & Gunaydin, 2018).

Nesse sentido, a responsividade parece ser um elemento central para a compreensão da dinâmica dentro dos relacionamentos amorosos. Mas que elementos estão ligados a essa responsividade percebida? Consagrados na psicologia social, temos 1) a influência dos ideais, que são estruturas de conhecimento que englobam expectativas e percepções sobre como nossos parceiros agem ou devem agir em relação a nós; 2) o amor romântico, como um constructo biológico e cultural que engloba nossos sentimentos, disposições de sermos próximos, apaixonados e comprometidos com o nosso parceiro (e.g., Sternberg, 1997), 3) o sexismo, que reflete nossas atitudes em relação às categorias sociais envolvidas (i.e., homens e mulheres), que tem no gênero sua categoria injuntiva – descrevendo e prescrevendo como homens e mulheres são ou *devem* ser, inclusive nos relacionamentos amorosos e 4) a satisfação nos relacionamentos amorosos, um elemento ligado à qualidade de vida de muitos adultos no mundo ocidental (Selcuk, Karagobek & Gunaydin, 2018).

Nas sociedades ocidentais, a temática dos relacionamentos amorosos heterossexuais monogâmicos¹ recebe destaque nas conversas cotidianas, na mídia, nos filmes e séries, e nas músicas. O leigo costuma criar teorias implícitas e prescrições baseadas em suas experiências pessoais e nas experiências de pessoas próximas em relações amorosas, sobre os motivos que levam e devem levar as pessoas a se relacionarem umas com as outras, separar-se; bem como quais elementos devem ser levados em consideração no que tange um bom funcionamento de relacionamento para homens e mulheres, e quão importante uma relação amorosa é ou *deve* ser para cada um (Rudman & Glick, 2008). Na psicologia social, entretanto, o foco costuma ser diferente. Os pesquisadores não estão interessados em dizer às pessoas como elas devem se comportar dentro de relações amorosas, mas compreender o que as pessoas costumam chamar de relacionamentos amorosos, investigar os mecanismos sociais e cognitivos envolvidos nessas relações, e explicar como e por que as pessoas decidem investir ou abandonar um relacionamento (Rusbult, 1980; Sternberg, 1997; Reis, Clark & Holmes, 2004).

As tradições em pesquisa e produção científica em psicologia social costumam demonstrar que os relacionamentos amorosos, quando satisfatórios, estão associados ao bem-estar e à felicidade individual, tanto pela qualidade da interação com o parceiro amoroso quanto pelas relações que se estabelecem entre o parceiro e a própria autoimagem do indivíduo - efeito que parece ocorrer sem diferenças

1 Para fins de parcimônia, farei referência a relacionamentos amorosos heterossexuais monogâmicos apenas pela alcunha de “relacionamentos amorosos”, “relações amorosas” ou “relacionamentos” como termos intercambiáveis. Não estou partindo do pressuposto de que são o único tipo de relação possível ou produzindo juízo de valor sobre elas. As variáveis envolvidas no estudo de relações não-monogâmicas e/ou não-heterossexuais escapam do escopo do objetivo deste trabalho e de teorias que enfatizam a interdependência de gênero (como a teoria do sexismo ambivalente, utilizada neste estudo) e incluem muitas variáveis que tornariam o trabalho dispendioso para quem não se propõe a discutir outros tipos de orientação sexual e orientação em relação à não-monogamia. Para uma discussão mais aprofundada sobre outros tipos de relacionamentos amorosos e orientações sexuais, sugiro consultar Bowes-Catton & Hayfield, 2015; Rambukkana, 2015; Riggs, 2015.

estatísticas significativas, tanto para homens quanto para mulheres (Oishi, Krochik, & Akimoto, 2010; Selcuk, Karagobek & Gunaydin, 2018)

Entretanto, tanto leigos quanto pesquisadores e profissionais de aconselhamento e psicoterapia para casais compreendem que nem todo relacionamento amoroso é satisfatório. Em verdade, o *script* cultural mais comum para relacionamentos amorosos heterossexuais na contemporaneidade é a monogamia serial, em que os indivíduos se envolvem com várias pessoas ao longo da vida, uma de cada vez, encerrando os relacionamentos à medida em que os avaliam como não são satisfatórios, abrindo espaço para que novos parceiros sejam avaliados e que se inicie novos relacionamentos com estes (Britton et al., 1998).

Dentre os motivos relatados por adultos para a insatisfação e término de seus relacionamentos amorosos, para além de infidelidade e violência doméstica já consagrados na literatura (e.g., Doss, Simpson & Christensen, 2004), encontram-se fatores sociais (e.g., estresse, desemprego, pressão de comunidade familiar ou religiosa) e de personalidade (e.g., neuroticismo, abertura para experiências, estilos de apego) dos parceiros, além de problemas relacionais como falta de comunicação, a percepção de que o parceiro não é tão comprometido, e não se sentir amado (Amato & Previti, 2003). A teoria da responsividade (Reis & Shaver, 1988) assevera que as pessoas buscam dar e receber um senso de segurança e bem-estar de e para seus parceiros dentro dos relacionamentos amorosos. Nesse sentido, não é de se estranhar que a percepção de que estes elementos estão em falta costuma motivar os parceiros a reavaliarem a importância e a disposição para a manutenção desta relação: as pessoas ficam menos satisfeitas, e quando ficam, a probabilidade de encerrar o relacionamento aumenta – e estratégias para mudança do parceiro

costumam ser utilizadas (Reis & Shaver, 1988; Reis, Clark, & Holmes, 2004; Reis, 2007; Clark & Lemay, 2010).

Para compreender melhor os motivos que levam à insatisfação, discutirei o que constituem os relacionamentos amorosos heterossexuais e sobre alguns dos fatores que contribuem para a satisfação nos mesmos. Partindo disto, falarei sobre como a congruência entre a percepção do parceiro real e as preferências por parceiro ideal – e o que são esses ideais, e como eles influenciam na avaliação subjetiva do parceiro; o papel do sexismo nos relacionamentos amorosos, com expectativas e mecanismos intrassubjetivos que podem levar homens e mulheres a esperarem e avaliarem seus relacionamentos de modos distintos. Depois disto, seguirei falando sobre a influência do amor e de seus elementos constituintes para a satisfação nos relacionamentos amorosos e apresentarei os meus problemas de pesquisa e hipóteses, construídos a partir da literatura que será examinada.

2.1. Relacionamentos amorosos heterossexuais: o papel da satisfação

Dentro da psicologia social, os relacionamentos amorosos compõem um *script* social de um modelo de interação contínua e estável entre homens e mulheres frequentemente pautados e influenciados por noções como compromisso (Rusbult, 1980), proximidade (Reis & Shaver, 1988; Clark & Lemay, 2010), confiança (Fletcher, Simpson, Thomas & Giles, 1999), e intimidade física e emocional (Sternberg, 1997). Por serem um tipo de relação de proximidade, os relacionamentos amorosos são marcados por um conjunto de processos interpessoais em que duas pessoas compreendem, cuidam e validam umas às outras (Reis & Shaver, 2004), numa relação de interdependência (Thibaut & Kelley, 1959). À medida que as pessoas se sentem compreendidas, cuidadas e validadas, elas possuem maior disposição para se comprometer com a relação - e se sentem mais satisfeitas, inclusive com elas mesmas

(e.g., Selcuk, Gunaydin, Ong, & Almeida, 2016). Podemos avaliar a satisfação nos relacionamentos amorosos através de três aspectos: a) comportamentais, b) cognitivos e c) emocionais.

Dentre os aspectos comportamentais, os estudos costumam enfatizar covariações em relatos comportamentais em membros de uma díade, primariamente por inventários de autorrelato, donde a percepção que um parceiro tem sobre o comportamento do outro influencia em sua declaração de satisfação, bem como padrões comportamentais frequentes – como os padrões de comunicação. Em suas interações diárias, existe uma mistura de eventos experienciados como agradáveis e experienciados como desagradáveis, e à medida que os eventos que são experienciados são significativos, eles têm um impacto na satisfação no relacionamento. Nesse sentido, casais em conflito são aqueles que exibem uma ampla gama de eventos desagradáveis (e.g., comunicação destrutiva, críticas, acusações, evitação mútua) e menos eventos agradáveis (e.g., dar e receber apoio, troca de afeto positivo, validação; Fincham & Beach, 2006; Christensen, Doss, & Jacobson, 2014).

No campo cognitivo, os estudos costumam enfatizar crenças e mecanismos cognitivos que influenciam na percepção dos parceiros, como as expectativas (Eastwick, Luchies, Finkel, & Hunt, 2014). Alguns autores (e.g., Murray, Holmes & Griffin, 1996) enfatizam o papel das crenças distorcidas conhecidas como *ilusões positivas* – a capacidade de avaliar um parceiro como possuindo qualidades consideradas positivas, mesmo que o indivíduo não possua essas qualidades; bem como a capacidade de ver os eventos negativos ocorridos na relação com maior benevolência (i.e., atribuindo a fatores externos, como o estresse). Além disso, as discrepâncias entre as expectativas e o que efetivamente se recebe na relação parece

ocupar um lugar central nos estudos cognitivos de relacionamentos amorosos e satisfação (Fincham & Beach, 2006).

Quando se estuda a relação da satisfação com aspectos emocionais, é comum que os pesquisadores enfatizem mais os comportamentos não-verbais, por serem mais difíceis de disfarçar e por serem mais espontâneos. Nesta tradição de pesquisa, utilizam-se, por exemplo, as taxas de batimentos corporais e a frequência com que o parceiro olha para o outro, em conjunto com os inventários de autorrelato. Entretanto, os estudos dessa natureza possuem uma dificuldade técnica significativa, haja vista a dificuldade em responder se o indivíduo está feliz porque a relação é satisfatória ou se a relação é satisfatória porque o indivíduo está feliz (Fincham & Beach, 2006).

Segundo a teoria da interdependência (Thibaut & Kelley, 1959; 1978), os indivíduos avaliam o seu relacionamento através de uma comparação entre o que elas acreditam que merecem (i.e., expectativas) e o que elas efetivamente estão recebendo (i.e., as recompensas) (Eastwick, Finkel & Eagly, 2011). Essas expectativas, por sua vez, referem-se a necessidades e crenças pessoais de naturezas física (e.g., “minha parceira deve ser bonita e carinhosa”), sociais (e.g., “minha parceira deve ser bem colocada no mercado”) e de personalidade (e.g., “minha parceira deve ser engraçada e bem-humorada”; Fletcher, Simpson, Thomas, & Giles, 1999).

Essas expectativas vêm de, pelo menos, três fontes distintas: a) *scripts* culturais ideológicos – como ideologias românticas injuntivas, que descrevem e prescrevem como homens e mulheres devem ser e se comportar num relacionamento (Rudman & Glick, 2008); b) experiências em relacionamentos amorosos prévios (Berk & Andersen, 2000) e c) estilos de apego com os primeiros cuidadores (Hazan & Shaver, 1987). As expectativas geram construtos conhecidos como ideais, que são

estruturas de conhecimento que servem como um modelo cognitivo sobre o que esperar num relacionamento. Através da comparação entre os ideais e as percepções sobre os parceiros, os indivíduos conseguem avaliar a qualidade de uma relação. Essa avaliação está relacionada a quão o indivíduo se sente satisfeito com o seu relacionamento amoroso (Fletcher, Simpson, Thomas & Giles, 1999; Wachelke, Andrade, Cruz, Faggiani & Natividade, 2004; Eastwick, Finkel & Eagly, 2011; Buyukcan-Tetik, Campbell, Finkenauer, Karremans & Kappen, 2017).

Em um estudo recente, Eastwick, Finkel & Eagly (2011) examinaram a influência da discrepância entre o parceiro real e o parceiro ideal na satisfação de indivíduos com seus relacionamentos amorosos à medida em que eles avaliavam a possibilidade de se ter um relacionamento duradouro ou encontros casuais com potenciais parceiros amorosos. Os resultados demonstraram que havia diferenças na tomada de decisão no que tange à escolha de um possível parceiro para uma relação duradoura ou para encontros casuais, onde os ideais não exerceram influência. Isto parece corroborar a fundamentação teórica de que os ideais são estruturas de conhecimento sobre a qualidade das relações, e servem de modelo para a nossa decisão de iniciar ou manter um relacionamento, mas não para outros tipos de interações românticas menos duradouras (Campbell, Chin & Stanton, 2016). Parece que os ideais não são modificados por nossos parceiros, mesmo que, em algumas situações, eles não sejam ativados dentro do relacionamento (Overall, Fletcher & Simpson, 2006). Isto quer dizer que nós não modificamos nossos ideais mesmo quando nos sentimos atraídos por uma pessoa que é discrepante deles, mas podemos avaliar que aquelas pessoas não nos servem para um bom relacionamento duradouro. Inclusive, a partir destas avaliações, também elaboramos estratégias para mudar o nosso parceiro amoroso quando ele não se enquadra em nossos critérios ideais

(Hammond & Overall, 2013; Eastwick, Luchies, Finkel & Hunt, 2013), utilizando de estratégias comunicativas ou por meio de tentativas diretas de influência.

As tentativas de mudar o parceiro que não se enquadra em nossos ideais são chamadas na literatura de *regulação do parceiro*, e elas podem envolver estilos de comunicação assertivas (e.g., conversar francamente, não julgar) ou se envolver em padrões destrutivos já consagrados na literatura (e.g., Jacobson & Christensen, 1996; Overall & Fletcher, 2010), como ameaçar, criticar, e fazer o tratamento silencioso (i.e., recusar comunicação com o parceiro até que ele mude) (Overall, 2012). Entretanto, a literatura tende a demonstrar que as tentativas ineficazes de modificar o parceiro reduzem a satisfação do relacionamento para ambos – visto que, numa perspectiva de responsividade, à medida que nossos parceiros percebem que eles não se enquadram nas nossas expectativas, sua satisfação com o relacionamento é reduzida de modo indireto, e isso parece ser mais forte quando essas expectativas são relatadas com maior expressividade de emoções negativas como raiva, com padrões de culpabilização e acusação, e hostilidade (e.g., Cohan & Bradbury, 1997). Padrões mais positivos, pautados em abordagens mais suaves (e.g., uso de afeto, humor) e mais racionais (e.g., sugerir soluções, pesar os prós e os contras) parecem ter mais eficácia (Overall, Sibley & Travaglia, 2010; Gordon, Impett, Kogan, Oveis & Keltner, 2012).

Quando não conseguimos modificar os nossos parceiros, outros mecanismos cognitivos podem ser ativados à fim de tentar alterar a nossa percepção para que os vejamos como mais parecidos com o que idealizamos (Campbell, Simpson, Kashy & Fletcher, 2001), mantendo as estruturas cognitivas (i.e., os ideais) relativamente intactas. O objetivo destas estratégias e avaliações é aumentar a nossa satisfação com os nossos relacionamentos amorosos. Os ideais, portanto, parecem exercer um

grau de influência importante no estudo da satisfação nos relacionamentos amorosos. Para uma maior apreciação do construto, passarei para uma discussão mais aprofundada dele na próxima seção.

2.2 Preferências pessoais e a congruência entre parceiros real e ideal

Servindo de complemento à teoria da interdependência (Thibaut & Kelley, 1959), e de teorias sobre a avaliação de parceiros amorosos (e.g., Rusbult, Onizuka, & Lipkus, 1993), Fletcher, Simpson, Thomas & Giles (1999) formularam o modelo dos critérios ideais (MCI). O argumento central do modelo é de que os indivíduos avaliam potenciais e atuais parceiros românticos através de preferências por parceiros ideais, no que os pesquisadores chamam de *hipótese preditiva*: os indivíduos avaliarão seus parceiros (e parceiros em potencial) mais positiva ou negativamente à medida que ele se aproxima ou se afasta dos seus ideais. As fontes por detrás dos ideais costumam ser vistas como essencialmente idiográficas (i.e., variam de indivíduo para indivíduo) ou variando conforme o sexo do indivíduo (Eastwick, Luchies, Finkel & Hunt, 2014).

O modelo dos critérios ideais declara que os essas preferências costumam se concentrar em três fatores: a) calorosidade-confiabilidade, b) vitalidade-atratividade e c) *status*-recursos (Campbell, Simpson, Kashy, & Fletcher, 2001; Fletcher, Kerr, Li, & Valentine, 2014). O primeiro fator se assemelha ao argumento da teoria da interdependência (Thibaut & Kelley, 1959), se concentrando nas características pessoais em que um parceiro é compreensivo, apoiador, gentil, sensível e um bom ouvinte (Fletcher, Simpson, Thomas & Giles, 1999). O primeiro fator é considerado na literatura como o mais forte preditor dentre os três da relação entre congruência entre o parceiro real e ideal e a satisfação nos relacionamentos amorosos (e.g., Overall, Fletcher & Simpson, 2006; Hammond & Overall, 2014). O segundo fator se refere a atributos físicos (i.e., atraente, sexy, corpo bonito) e interpessoais (i.e., bom(boa)

amante, ousado(a), extrovertido(a)). O último fator se refere à capacidade que o parceiro tem em fornecer segurança material (i.e., bom emprego, segurança financeira, boa residência) e *status* social (i.e., bem-sucedido(a), bem-vestido(a)).

A despeito da ênfase em características idiográficas expressas no MCI, o modelo foi utilizado para dar vazão a pesquisas em torno da psicologia evolucionista dos sexos (e.g., Buss, 1989; Buss et al., 1990), donde o primeiro eixo estaria relacionado a ambos os sexos, mas enfatizando os atributos físicos como preferências masculinas – com o argumento de que os homens evoluíram para buscar parceiras atraentes e para assegurar uma boa descendência para a prole; e que as mulheres buscariam parceiros capazes de fornecer segurança material, para garantir o sucesso e a segurança dos filhos (Eastwick, Luchies, Finkel & Hunt, 2014). Apesar desta ênfase, os dados frequentemente são inconclusivos em relação às diferenças de gênero. Numa meta-análise feita por Eastwick, Luchies, Finkel & Hunt (2014), que avaliou as diferenças em preferências por parceiro ideal através da dimensão sexo em 12,839 trabalhos, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas, mas com uma diferença de escores muito baixa em relação aos ideais entre homens e mulheres para os critérios de atratividade física e estabilidade material. Em verdade, o que o estudo parece demonstrar é que o critério de vitalidade/atratividade é mais importante do que status/recursos, para ambos.

Caminhando em uma outra direção, alguns autores (e.g., Travaglia, Overall & Sibley, 2009; Dellacollete, Dumont, Sarlet & Dardenne, 2013), utilizando-se de um *framework* de gênero, discutem preferências por parceiro ideal à luz da hipótese patriarcal: em sociedades mais desiguais, as mulheres não teriam acesso direto a *status* e recursos com a mesma facilidade que homens, abrindo espaço para que elas precisem assegurar parceiros capazes de prover estabilidade financeira. Nesse

sentido, os ideais prescritivos relacionados ao gênero se tornariam mais fortes tão quanto as sociedades abracem atitudes mais desiguais (Rudman & Glick, 2008). Nessa lógica, os ideais prescritivos em torno de ideologias românticas seriam os responsáveis pelas expectativas baseadas no gênero ou sexo do indivíduo (e.g., Travaglia, Overall & Sibley, 2009; Lee, Fiske, Glicke & Chen, 2010) em torno destes ideais – a depender do contexto cultural e social em que estes homens e mulheres estariam expostos.

Nesse sentido, e contrastando com a natureza dos dados obtidos (e.g., Eastwick, Luchies, Finkel & Hunt, 2014), Travaglia, Overall & Sibley (2009) acharam diferenças de gênero nas expectativas de ideais, comparando participantes neozelandeses, europeus e asiáticos. Em seu estudo, eles avaliaram os três fatores de ideais conjuntamente com uma escala que avalia sexismo – e encontraram que mulheres que apoiam atitudes sexistas benevolentes – definidas como prescrições de que mulheres devem ser cuidadas pelos homens, idealizavam mais homens através da dimensão status e recursos do que as outras dimensões (i.e., atratividade/vitalidade, calorosidade/confiabilidade) e os homens idealizavam mais mulheres em torno da dimensão atratividade e vitalidade do que das outras duas (i.e., status/recursos e calorosidade/confiabilidade), conquanto possuíssem atitudes sexistas hostis – que são prescrições de hostilidade a mulheres que não se conformam com prescrições tradicionais de gênero (Glick et al., 2000). O que este estudo parece demonstrar é que parece existir uma relação entre atitudes em relação ao gênero e as preferências por parceiro ideal. Este estudo se apoia na teoria do sexismo ambivalente, que será mais bem explorada na próxima seção.

2.3. Teoria do sexismo ambivalente: os sexismos hostil e benevolente e as expectativas de homens e mulheres

As relações entre homens e mulheres datam desde os primeiros assentamentos humanos e das primeiras organizações sociais, o que leva à própria existência da espécie humana, um fenômeno chamado de interdependência de gênero (Glick & Fiske, 1996). Entretanto, a literatura alerta para o fato de que as sociedades, sobretudo as ocidentais, privilegiam os homens em detrimento das mulheres, fomentando um contexto de opressão e hierarquização onde homens têm mais acesso a bens e vantagens do que mulheres (Glick & Fiske, 1996; Rudman & Glick, 2008; Becker & Sibley, 2016).

Os conflitos históricos e estruturais em torno de homens e mulheres por poder e acesso a bens sempre foi motivo de debate leigo e científico, bem como a formação de teorias implícitas, sendo comum acreditar que, pelo fato de homens e mulheres serem fisicamente diferentes, eles devem viver suas vidas de modos distintos e que isso é parte da natureza humana—sendo uma das bases históricas da desigualdade entre estas categorias sociais (Rudman & Glick, 2008; Becker & Sibley, 2016). A este fenômeno damos o nome de sexismo (Glick & Fiske, 1996; Becker & Sibley, 2016), que pode ser definido, largamente, como um conjunto de crenças, atitudes, e práticas sociais que causam danos às mulheres ou contribuem para a manutenção das desigualdades de gênero como um todo (Glick & Fiske, 1996; Rudman & Glick, 2008; Becker & Sibley, 2016). Enquanto crença, o sexismo se manifesta através de proposições que se relacionam ao que esperar de determinados das categorias sociais “homem” e “mulher”, se referindo a generalizações abrangentes (e.g., mulheres são mais cuidadosas do que homens; mulheres são mais doces do que os homens) (Becker & Sibley, 2016). Enquanto atitude, o sexismo se manifesta através de avaliações que são dadas aos homens e às mulheres (i.e., mulheres que trabalham não são boas esposas; mulheres que desobedecem a seus maridos não prestam),

sendo uma das bases do preconceito (Glick & Fiske, 1996). Enquanto práticas sociais, o sexismo se manifesta através de leis (e.g., “lei da honra”, ²que permitia que os maridos matassem as mulheres que tivessem sido infiéis) e de práticas sociais (e.g., salários desiguais para homens e mulheres). Para os fins desta pesquisa, estarei falando do sexismo enquanto um preconceito e enquanto um conjunto de atitudes.

O sexismo, diferente de outras formas de preconceito, diz respeito a duas categorias sociais onde o opressor e oprimido dificilmente escapariam da convivência: homens e mulheres, até o presente momento, precisam uns dos outros para preservar a espécie, conviver em sociedade e, no caso dos heterossexuais, para o desenvolvimento de relações amorosas, na medida em que homens e mulheres heterossexuais precisam uns dos outros para terem acesso a relacionamentos íntimos e à procriação (Glick & Fiske, 1996).

Quando falamos em sexismo, precisamos avaliá-lo de modo multifatorial (i.e., estereótipos, crenças e práticas discriminatórios em relação ao gênero) e em contextos como no trabalho, na rua e nas relações sociais e conjugais. Os estudos de sexismo em psicologia social têm produzido uma diversidade de evidências (Rudman & Glick, 2008; Fiske, Dupree, Nicolas & Swencionis, 2016), à luz de teorias distintas (e.g., teoria do sexismo moderno, teoria do neosexismo) (Becker & Sibley, 2016). Entretanto, a teoria que tem sido mais bem-aceita – e produzido a maior quantidade de publicações, inclusive tendo seu principal instrumento validado no Brasil (e.g., Formiga, 2011; Formiga, 2015), é a teoria do sexismo ambivalente (TSA: Glick & Fiske, 1996), que foi a primeira teoria em psicologia social a levar em seu *framework*

2 O antigo código penal que vigorou entre 1890 e 1940 no Brasil, em seu artigo 27, dizia que os crimes cometidos em um estado de “privação dos sentidos e inteligência”, ou um estado emocional alterado, eram inimputáveis. Juristas utilizavam este artigo para não penalizar homens que matassem suas mulheres que haviam sido infiéis no relacionamento. Para uma maior apreciação deste período obscuro da história criminal brasileira, c.f. Pasinato, 2010.

teórico as dinâmicas das relações interpessoais entre homens e mulheres, incluindo-se aí as relações amorosas. A TSA contribui para o estudo, por exemplo, do impacto do sexismo em mulheres que não se enquadram em estereótipos clássicos de gênero (Rudman & Glick, 2001; 2008), do sexismo e formação de ideais prescritivos de gênero, como a formação e ativação de ideais de parceiros (Overall, Fletcher & Simpson, 2006; Lee, Fiske, Glick & Chen, 2010).

Na perspectiva da TSA, o sexismo é ambivalente porque, ao mesmo tempo que produz práticas hostis (i.e., objetificação e discriminação negativa contra mulheres), também produz práticas benevolentes (i.e., paternalismo protetor e discriminação positiva³) que são mais difíceis de serem detectadas por serem subjetivamente agradáveis mas que, dentro desta lógica, também podem produzir consequências deletérias para a equidade de gênero de modo geral e principalmente para as mulheres (Glick & Fiske, 1996; Lee, Fiske, Glicke & Chen, 2010; Becker & Sibley, 2016).

O sexismo hostil (ou sexismo clássico), segundo a TSA, se caracteriza por crenças implícitas e explícitas de inferiorização (e.g., crença de que mulheres não têm a mesma aptidão para dirigir veículos como os homens), objetificação (e.g., crença de que mulheres são objetos sexuais) e dominação (e.g., crenças de que as mulheres são propriedades dos homens com quem se envolvem) dos homens para com as mulheres (Glick & Fiske, 1996). O sexismo benevolente, com contornos mais sutis que o anterior, pode ser caracterizado por crenças e atitudes que refletem a idolatria e o fortalecimento do papel subalterno da mulher: atitudes de proteção excessiva (e.g., “mulheres não podem sair de casa porque o mundo é perigoso”), ênfase no papel

3 Discriminação positiva se refere ao enaltecimento de qualidades de uma determinada categoria social que se enquadrem no estereótipo, em detrimento de outras qualidades que se distanciem do estereótipo daquela categoria em questão. Por exemplo: elogiar uma mulher por ser uma boa cozinheira, mas ignorar o fato dela ser uma ótima matemática.

reprodutor da mulher (e.g., “mulheres nasceram para serem nossas mães”) e a idealização da mulher como objeto romântico-sexual, ao mesmo tempo em que também são vistas como menos competentes do que os homens (Glick & Fiske, 1996).

O sexismo hostil se relaciona com a luta por poder e dominação – o que leva os homens a idealizar parceiras com maior grau de atratividade e passividade, ao mesmo tempo em que se hostiliza mulheres que não se enquadram em papéis clássicos de gênero ou em estereótipos de gênero, isto é, tratar bem mulheres orientadas para o lar e tratar mal mulheres que trabalham fora de casa ou que expressam crenças feministas (Lee, Fiske, Glick & Chen, 2010).

O sexismo benevolente, por sua vez, está relacionado ao fomento a uma ideologia romântica de influência mútua, donde faz sentido que os indivíduos que apoiem esta ideologia se sintam mais satisfeitos com os seus relacionamentos amorosos, porque eles têm maior influência na sua qualidade de vida e satisfação (Rudman & Glick, 2008). Ao mesmo tempo, o sexismo benevolente também exerce influência nos valores e objetivos de mulheres: quanto maior o grau de sexismo benevolente, maior a probabilidade de que busquem exercer menos influência fora de suas residências e se interessem menos por práticas modificadoras da estrutura social e das desigualdades (i.e., práticas feministas), concentrando seus esforços nos relacionamentos e no parceiro para ter suas necessidades pessoais garantidas. Nesse sentido, o sexismo benevolente está associado, em mulheres, a preferências por parceiro ideal que sejam centradas em status e recursos (Overall, Becker & Sibley, 2006; Bohner, Ahlborn & Steiner, 2010; Hammond & Overall, 2013; Radke, Hornsey & Barlow, 2016).

Entretanto, observa-se que as prescrições para calorosidade e confiabilidade são mais estáveis para homens e mulheres (e.g., Overall, Fletcher & Simpson, 2006),

o que parece indicar que esta é uma característica importante para os relacionamentos e para a satisfação amorosa de modo geral. O leitor deve notar o truísmo deste fenômeno, ao se recordar da teoria interdependência: senso de segurança (e.g., confiabilidade) e bem-estar (e.g., calorosidade) mútua (Clark & Lemay, 2010). Portanto, faz sentido explorar a possibilidade de que estas preferências podem existir mesmo que não haja uma ideologia sexista por detrás, necessariamente. O modo como as pessoas amam, nessa direção, depende bastante do quão os parceiros conseguem satisfazer as necessidades uns dos outros. É preciso, portanto, fazer uma distinção entre ideologia romântica - as prescrições específicas de gênero sobre o que esperar dentro de um relacionamento amoroso e o amor romântico, que se refere a sentimentos genuínos de atração sexual e o desejo de proteger o bem-estar do outro (Rudman & Glick, 2008, p. 205). Para tanto, me debruçarei sobre o papel do amor nos relacionamentos amorosos, explorando a teoria triangular do amor de Sternberg (1997).

2.4. Amor romântico e seus constituintes

O amor é um dos construtos mais difíceis de se estudar, apesar de ser um fenômeno universal (Jankowiak & Fischer, 1992), capaz de gerar uma ampla gama de manifestações culturais e teorias implícitas. Frequentemente visto como um sentimento, o amor é palco de muito debate desde a antiguidade. O amor também pode ser visto como um fenômeno que se encontra relação direta com o modo como a evolução humana se deu, segundo teóricos evolucionistas (e.g., Fisher, 2004), e um fenômeno que pode ser encarado a partir de perspectivas socioculturais (e.g., Dion & Dion, 1996) e evolutivas (e.g., Fisher, 1998).

Na tentativa de alcançar a natureza do fenômeno – e o que está implicado na temática, psicólogos sociais desde a década de 60 (e.g., Berscheid & Hatfield, 1969)

tentam dar mais clareza ao fenômeno examinando os usos possíveis do termo. A produção científica pressupõe que amor está relacionado ao gostar, por exemplo, mas é um fenômeno distinto (Rubin, 1970). Além disso, o amor parece ser qualitativamente diferente a depender do tipo de relação que se estabelece (e.g., amor entre irmãos, amor entre amigos, amor familiar). Esta pesquisa, entretanto, tem seu foco no amor romântico – o tipo de amor que existe dentro de relações amorosas, que envolve elementos de companheirismo e desejo sexual (Aron, Fisher, & Strong, 2006).

Em sua tipologia clássica, Lee (1977) separa os tipos de amor em a) eros, um amor romântico e apaixonado; b) ludus, um amor lúdico, jocoso; c) storge, um amor companheiro e amigável; d) pragma, um tipo de amor lógico, mais centrado em características cognitivamente avaliadas como positivas; e) mania, um amor dependente e possessivo, e f) ágape, um estilo de amor mais altruísta. Para os fins desta pesquisa, centralizarei a discussão em torno do amor romântico, o que parece estar mais associado ao que acontece dentro de relações amorosas (e.g., Rudman & Glick, 2008). Nessa direção, o amor costumeiramente é descrito na literatura como um fenômeno que passa por transformações ao longo das relações amorosas, desde a atratividade inicial até a sua manutenção e permanência – e possível e eventual término, sendo descrito na literatura como passando de um sentimento mais voltado a paixões físicas (i.e., amor passional ou apaixonado) para incluir sentimentos de companheirismo e segurança (i.e., amor companheiro), sem necessariamente excluir os aspectos físicos (Aron, Fisher, & Strong, 2006).

Para os fins desta pesquisa, o amor romântico será descrito como um estado motivacional (Aron, Fisher, & Strong, 2006), envolvendo elementos cognitivos, afetivos e comportamentais. O amor [romântico] pode ser descrito como um estado motivacional que, para além do aspecto apaixonado, se relaciona aos conceitos de

compromisso (ou comprometimento) e intimidade, que, por sua vez, estão relacionados à satisfação experienciada pelos sujeitos dentro de relações amorosas e à sua disposição para investir em um relacionamento em detrimento de outros, com potenciais parceiros alternativos (Aron, Fisher & Strong, 2006). Para compreender o fenômeno, vamos agora examinar os construtos e seus modelos teóricos subjacentes.

2.4.1 Compromisso

O compromisso é um fenômeno multifatorial (Rusbult, Coolsen, Kirchner & Clarke, 2006). Os estudiosos de relacionamento amoroso tendem a associar o compromisso com a disposição para a manutenção da relação, e com a satisfação no mesmo. Estudos clássicos em psicologia social costumavam fazer uma relação direta entre o nível de satisfação de um indivíduo e a sua disposição para se manter na relação, mas enfrentaram uma controvérsia importante ao tentar responder o motivo de existirem pessoas que, mesmo estando satisfeitas com seus relacionamentos, estão dispostas a encerrar; e por que existem pessoas insatisfeitas com seus relacionamentos dispostas a continuar. Essa pergunta norteadora serviu de base para o campo de estudos de compromisso, que parece ser o elo responsável pela disposição em continuar na relação (Rusbult, Coolsen, Kirchner & Clarke, 2006). O que é compromisso? Para responder a esta pergunta, é preciso examinar as teorias subjacentes do fenômeno.

Nos anos 60, Levinger (1965) elaborou o modelo da coesão, que atesta que o compromisso se dá pela junção de três elementos: a) atrações atuais (i.e., as forças que atraem os indivíduos para o relacionamento); b) atrações alternativas (i.e., as forças que puxam os indivíduos para fora de suas relações) e c) barreiras: forças que impedem os indivíduos de saírem de suas relações. Nessa lógica, o compromisso é tanto um sentimento quanto uma tomada de decisão. O indivíduo avalia os fatores que

o fazem se atrair por uma pessoa específica, bem como sua capacidade de suprir suas necessidades relacionais; e avalia possíveis parceiros alternativos que possam suprir essas mesmas necessidades. Para nortear essa avaliação, as barreiras podem impedir que um indivíduo busque atrações alternativas, por conta de barreiras materiais (e.g., buscar uma nova casa, não ter dinheiro para investir numa nova relação), simbólicas (e.g., perda de status social por se distanciar de uma pessoa) e por barreiras afetivas.

O modelo do investimento de Rusbult (1980) se baseia na teoria da interdependência (Thibaut & Kelley, 1959; 1978) e traça uma relação entre o compromisso e o grau de dependência que um indivíduo estabelece com o seu parceiro, colocando ênfase na relação da avaliação subjetiva da qualidade do relacionamento amoroso com o grau de dependência do indivíduo. O nível de dependência é caracterizado como uma propriedade estrutural que descreve a) vontade de persistir e b) percepção de não haver outras opções viáveis – como por não acreditar que uma outra pessoa seria capaz de trazer tanta satisfação ao relacionamento quanto a pessoa amada, por não ter os traços necessários, nem as qualidades almejadas (i.e., avaliação qualitativa do parceiro como melhor que as opções) ou por sentir que depende do parceiro por não ter outras opções ou porque não se tem acesso à elas. Estudos também discutem a possibilidade de os indivíduos elaborarem mecanismos cognitivos para desqualificar os parceiros alternativos em detrimento dos parceiros amorosos atuais, um fenômeno chamado de ilusão positiva (Murray, Holmes & Griffin, 1996).

Nessa perspectiva, quão mais dependente ele se sente em relação ao seu parceiro, mais comprometido (individualmente) está. À medida que o seu parceiro é responsivo, e se sente dependente desta relação, o compromisso se estabelece como

um processo de interdependência, e os indivíduos investem mais nesse relacionamento (i.e., tamanho do investimento). O nível de satisfação aumenta à medida que o indivíduo tem suas necessidades relacionais garantidas, como intimidade, sexualidade e pertencimento; bem como na qualidade dos potenciais parceiros alternativos, e o quanto algumas dessas necessidades (e.g., intimidade e pertencimento) pode ser suprida por outros tipos de relações, como amigos e familiares. A partir desta avaliação, o sujeito investe mais na relação – e isso é o nível de compromisso.

O tamanho do investimento [*investment size*] é o elemento central da teoria de Rusbult, que leva em conta elementos materiais, afetivos e simbólicos, e distinguindo-se da teoria de Levinger por ter a responsividade e interdependência como o panorama que estrutura o modelo. Na lógica da teoria, os indivíduos investem tempo e dinheiro na relação (i.e., elementos materiais), mas também investem em episódios em que constroem e percebem maior intimidade, e se colocam em situações de maior vulnerabilidade emocional. Assim, parceiros amorosos podem, por exemplo, ter também filhos e amigos em comum como elementos que constituem o comprometimento.

Com o andar do relacionamento, o indivíduo também tem o seu nível de compromisso individual testado – e é capaz de avaliar o nível de compromisso do parceiro em eventos chamados pela literatura de *situações diagnósticas* (Holmes & Rempel, 1989) em que os indivíduos conseguem avaliar positivamente o compromisso de seus parceiros quando eles são deparados com uma situação em que eles sacrificam o benefício próprio em prol da relação, o que aumenta a *confiança* na relação, e essa confiança está atrelada à disposição para se colocar vulnerável ao

parceiro, e aumentando a disposição para afastar e depreciar parceiros alternativos (Rusbult, Coolsen, Kirchner & Clarke, 2006).

Em uma direção oposta, o compromisso pode decair quando os indivíduos a) já não conseguem assegurar as necessidades um do outro; b) quando uma alternativa especialmente promissora aparece, ou c) quando os custos para o investimento na relação se tornam suficientemente altos como, por exemplo, situações diagnósticas que tornam o sacrifício pessoal em prol da relação especialmente difícil, como um parceiro querer ter filho e o outro não. Além disso, a percepção parece ter um papel importante, à medida que o parceiro pode não conseguir perceber os atos diagnósticos do indivíduo; ou na ocasião em que o parceiro ou o indivíduo se envolvem, ou parecem estar interessados, em relações extraconjugais. Em situações como estas, a ilusão positiva se torna menos provável e os sujeitos podem fazer o caminho cognitivo inverso: desqualificar o parceiro e melhorar a percepção que têm dos parceiros alternativos (Rusbult, Coolsen, Kirchner & Clarke, 2006).

À medida que o indivíduo se sente dependente e confiante, e sente que seu relacionamento envolve um grau de interdependência em que o parceiro é responsivo e recíproco, o compromisso se estabelece, definido aqui como uma intenção de persistir no relacionamento, incluindo-se a orientação a se envolver, sentimentos de apego psicológico, e identidade relacional, e também como um senso de aliança e tendência a considerar as implicações das próprias atitudes no contexto maior do relacionamento – no parceiro e na relação. A pessoa se vê como parte de um todo maior, que é a díade, e isso se torna um elemento importante para o seu autoconceito e autoestima.

2.4.2 Intimidade

A experiência subjetiva nos relacionamentos amorosos frequentemente está atrelada ao sentimento e à experiência de intimidade – um conceito importante, mas de difícil conceituação, por ser um termo com muitos significados. De modo geral, intimidade é um termo frequentemente utilizado em conjunto com outros termos, e está associado a relacionamentos de diversas naturezas, incluindo-se os relacionamentos amorosos, onde parece ter uma importância central – tanto em estudos de satisfação como de compromisso (Laurenceau & Kleinman, 2006).

Intimidade pode ser vista como uma motivação pessoal (e.g., Sullivan, 1953), como uma qualidade de interações (e.g., Fruzzetti & Jacobson, 1990) e de relações (e.g., Prager, 1995). Como motivação pessoal, a primeira teoria sobre intimidade foi elaborada por Sullivan, na década de 50. Para ele, a intimidade é uma motivação pessoal (ou motivo), que se refere a experiências e comportamentos experienciais e afetivos. Para Sullivan, intimidade é uma necessidade humana básica, que faz com que as pessoas busquem situações envolvendo duas pessoas que permitam a validação de todos os componentes do *valor pessoal* [self worth] (Sullivan, 1953). Na perspectiva de Sullivan, a dificuldade ou impossibilidade de experienciar intimidade causa danos ao desenvolvimento da autoestima e é base para psicopatologias. A motivação para a intimidade também pode ser descrita como uma *preferência* recorrente (i.e., disposicional) por “experiências interacionais calorosas, próximas, e comunicativas com outros” (McAdams, 1985).

Como uma qualidade das interações, a intimidade pode ser vista como um nível de equilíbrio entre trocas comportamentais – indivíduos que têm intimidade como preferência ou motivação pessoal se envolvem numa relação onde ambos podem se sentir íntimos. Nesse sentido, cada indivíduo tem o seu nível de intimidade ótimo, e se movimentará para se aproximar ou para se distanciar das pessoas para atingir esse

nível (Laurenceau & Kleinman, 2006). Jacobson & Fruzzetti (1990), ao falar de interações íntimas, utiliza o termo *vulnerabilidade*: relações íntimas envolvem resoluções de conflito e aproximação para o atendimento de necessidades, revelando aspectos do *self* que colocam o sujeito à mercê do outro, podendo ser punido, ou tendo informações sobre si utilizadas contra eles. À medida que o indivíduo revela aspectos de si, e isso é recíproco, e ele percebe que o ambiente é seguro, é dito que essas interações são fruto de uma relação de intimidade, que envolve maior proximidade. Este conceito é frequentemente utilizado em terapias de casal (e.g., Christensen, Doss & Jacobson, 2014).

Como uma qualidade das relações, a intimidade é vista como um fenômeno disposicional. Partindo do estudo das interações, Prager (1995) diz que nem todo evento íntimo leva a uma relação íntima, porque depende dos *motivos* individuais e da experiência e percepção do evento como íntimo. Para definir uma relação de intimidade, nessa perspectiva, é preciso ter três elementos: a) afeto sustentado ao longo do tempo; b) confiança mútua e c) estabilidade do parceiro. Esses elementos são necessários tanto para iniciar quanto para manter uma relação de intimidade. Assim sendo, uma relação íntima é uma relação em que existem duas pessoas com motivação para proximidade e intimidade, que é capaz de ter eventos íntimos e de vulnerabilidade e que isso se sustenta com elementos afetivos e de estabilidade ao longo do tempo, de modo recíproco (Reis, Clark & Holmes, 2004; Laurenceau & Kleinman, 2006). Nessa lógica, relações amorosas são pautadas por intimidade, que é um elemento importante para o estudo do amor (e.g., Prager, 1995).

2.4.3 Teoria triangular do amor

As relações amorosas parecem ser pautadas por intimidade e compromisso. Entretanto, um elemento central que diferencia o estilo de amor que se sente por um

companheiro amoroso do amor que se sente por amigos e familiares frequentemente está pautado pela adição de um outro elemento: o sentimento de apaixonamento e de desejo sexual, frequentemente descritos como centrais para a relação. Este é responsável pela parte *física* da expressão do amor.

A teoria triangular do amor postula que o amor dentro dos relacionamentos amorosos pode ser operacionalizado e avaliado através de três construtos interdependentes: intimidade (i.e., sentimentos de proximidade e conexão), paixão (i.e., atração física e sexual) e compromisso (i.e., vontade ou disposição para investimento e manutenção a relação). Os três itens, em conjunto, compõem os vértices de um triângulo simbólico que está relacionado ao que se chama de nível global de amor (Sternberg, 1997). Em uma outra direção, a ausência dos três itens que compõem os vértices do triângulo é interpretada como ausência do amor e combinações diversas de dois dos três itens implicam relacionamentos amorosos de distintos, como os caracterizados por companheirismo (i.e., combinação de intimidade e compromisso, sem paixão), amor romântico (i.e., combinação de intimidade e paixão, sem compromisso) e amor ilusório (i.e., combinação de paixão e compromisso, sem intimidade) (Sternberg, 1997; Gouveia, Fonseca, Cavalcanti, Diniz & Dória, 2009).

A teoria triangular do amor parece fazer sentido dentro do *framework* da teoria da responsividade, à medida que um indivíduo pode sentir-se muito íntimo e apaixonado (i.e., amor *romântico*, para Sternberg) por seu parceiro amoroso, mas sentir-se insatisfeito com a relação porque não sente confiança no parceiro pela falta de compromisso. O leitor deve se lembrar que a teoria da responsividade fala sobre sentimentos mútuos de cuidado, validação e preocupação com o bem-estar (Clark & Lemay, 2010), e que a teoria da interdependência (Thibaut & Kelley, 1959; Kelley &

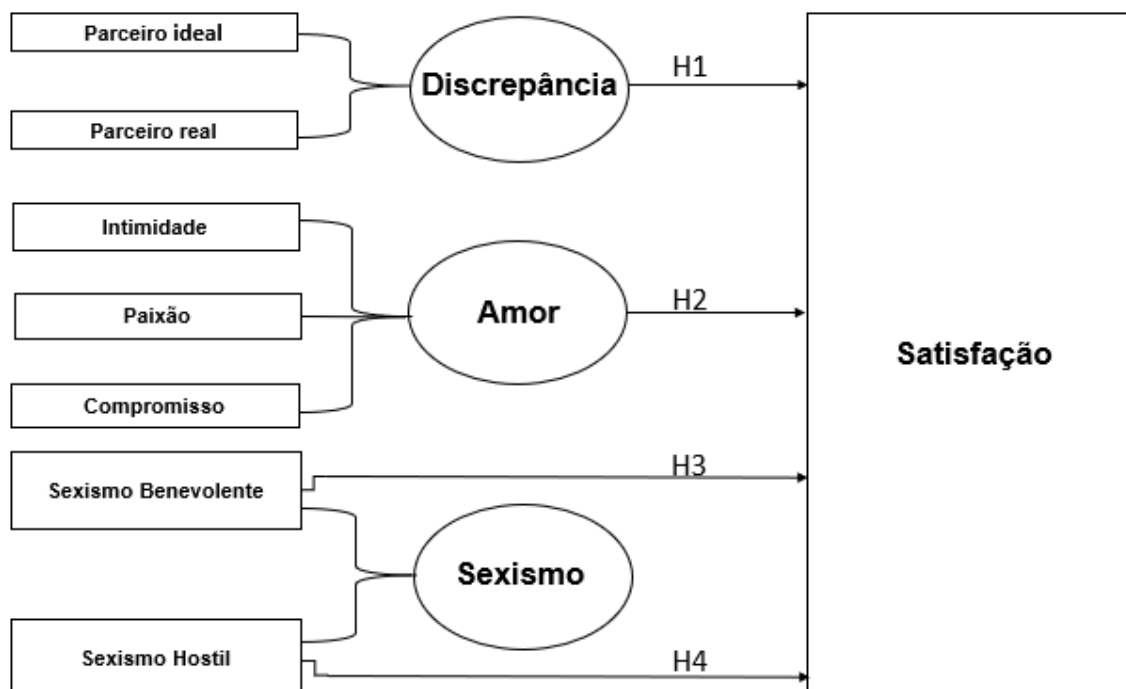
Thibaut, 1978) afirma que as relações de proximidade exercem influência mútua nos sentimentos, pensamentos e comportamentos dos parceiros em relações dentro das relações amorosas. Nesse sentido, o amor não pode ser avaliado apenas como um sentimento individual, mas também como uma possibilidade de comparação entre o que se espera receber o que se está efetivamente recebendo, bem como o impacto disso na motivação para se comportar dentro da relação (Rusbult et al., 1994). Assim, hipotetizo que o amor triangular pode ser um preditor à satisfação nos relacionamentos amorosos. Corroborando com este argumento, em estudos feitos no Brasil, a teoria triangular do amor foi evidenciada como preditor de satisfação nos relacionamentos amorosos (Wachelke, Andrade, Cruz, Faggiani & Natividade, 2004; Andrade, Garcia & Cano, 2009).

2.5 Problema de pesquisa e hipóteses

A partir do que expus até aqui, parto para o problema central deste estudo:

Em que medida os aspectos observados como componentes de relacionamentos amorosos (i.e., amor, sexismo e congruência entre parceiro real-ideal) se relacionam à satisfação percebida nos relacionamentos amorosos heterossexuais monogâmicos de homens e mulheres? Para tanto, testo as seguintes hipóteses, representadas na Figura 1 abaixo.

Figura 1 - Representação gráfica das relações entre as variáveis e as hipóteses.



H1: A discrepância entre parceiro real e ideal reduzirá o nível de satisfação no relacionamento.

H2: O amor (intimidade, paixão & compromisso) será um forte preditor de satisfação no relacionamento.

H3: O sexismo benevolente estará correlacionado positivamente à satisfação no relacionamento.

H4: O sexismo hostil não estará correlacionado à satisfação no relacionamento.

3. MÉTODO

3.1 Delineamento do estudo

A presente pesquisa se tratou de um estudo *ex post facto*, de natureza correlacional, delineado com o objetivo de analisar relações entre grupos e variáveis relevantes à testagem de hipóteses.

O estudo contou com quatro grupos de variáveis: discrepância entre as características do parceiro real e as preferências por parceiro ideal (uma comparação entre os escores do parceiro real e do parceiro ideal, por subtração); o amor (média de escores de intimidade, paixão, e compromisso) e de sexismo (sexismo hostil e sexismo benevolente), comparando-os com os escores de satisfação no relacionamento amoroso. Trata-se da comparação entre médias de escores entre sujeitos nos indicadores supracitados.

3.2 Participantes

199 participantes responderam à pesquisa, dos quais 7 foram excluídos por não atenderem os critérios de inclusão, resultando em 192 participantes. Os critérios de inclusão foram: estar em um relacionamento monogâmico heterossexual por pelo menos 1 (um) ano, ser maior de 18 (dezoito) anos e ter um parceiro ou parceira com mais de 18 (dezoito) anos. As variáveis sociodemográficas sexo, idade, nível de escolaridade, religião, etnia e tempo de relacionamento foram coletadas, tanto dos indivíduos quanto dos parceiros ou parceiras relatados na pesquisa.

A quantidade de participantes necessária para o estudo foi determinada através do software estatístico *GPower* (i.e., avalia a quantidade de participantes necessária para tamanhos de efeito específicos e testes específicos), que indicou que, para um tamanho do efeito moderado, seriam necessários 111 participantes.

Com relação aos dados sociodemográficos, os participantes são caracterizados conforme a Tabela 1 abaixo.

*Tabela 1: Características Demográficas dos Participantes
(n=192)*

Sexo		
Mulheres		155 (80,7%)
Homens		37 (19,3%)
Idade		
		H: M=32.57 (DP=9.8); M: M = 34,68 (DP=12.56)
Tempo de relacionamento		
		M=9.68 (DP=10.95)
Religião		
Católica		59 (30.7%)
Evangélica		21 (10.9%)
Espírita		29 (15.1%)
Candomblé		3 (1.6%)
Ateu/agnóstico		42 (26.6%)
Outra		18 (15,1%)
Etnia		
Branco(a)		82 (42.7%)
Preto(a)		22 (11.5%)
Amarelo(a)		2 (1%)
Pardo(a)		84 (43,8%)
Indígena		2 (1%)
Escolaridade máxima		
Ensino fundamental		1 (0.5%)
Ensino médio		36 (18.8%)
Ensino técnico		6 (3.1%)
Ensino superior		73 (38%)
Pós-graduação		75 (39.1%)

Os participantes se caracterizam por uma proporção significativamente maior de mulheres (80,7%) do que de homens (19,3%). A média de idade para homens foi de 32.57 anos, com o desvio-padrão indicando variação entre 23 e 41 anos; e de 34,68 para mulheres, com o desvio-padrão indicando uma variação entre 22 e 47 anos. A

média do tempo de relacionamento dos participantes foi de 9.68 anos, com o desvio-padrão indicando relacionamentos de 1 a 20 anos de duração.

No que diz respeito à religião, a maior parte da amostra é composta de católicos (30.7%), e de ateus/agnósticos (26,6%) e seguido de espíritas (15,1%) e evangélicos (10.9%). Em relação a etnia, a maioria dos participantes se declarou parda (43,8%) e branca (42,7%), seguido de preta (11,5%), indígena (1%) e amarela (1%). Quanto à escolaridade, a maior parte dos participantes tem algum nível de pós-graduação (39,1%) e graduação (38%) seguido dos ensinos médio e técnico (21,9%). Apenas um participante declarou possuir apenas o ensino fundamental.

3.3 Instrumentos

Todos os instrumentos utilizados neste estudo obtiveram escores satisfatórios quando realizei cálculos de confiabilidade interna. Utilizei os seguintes instrumentos:

- a) O Inventário de Componentes de Qualidades do Relacionamento Percebida (*Perceived Relationship Quality Component Inventory* – PRQCI, Fletcher, Simpson, & Thomas, 2000). O PRQCI foi traduzido livremente, e se caracteriza por ser um instrumento de autorrelato que avalia a satisfação que um indivíduo tem com o seu relacionamento amoroso (denominado SATISFAÇÃO neste estudo). O inventário obteve um bom índice de confiabilidade interna para os propósitos deste estudo, obtendo um alfa de 0,956.
- b) A subescala de parceiro do Inventário de Parceiro-Ideal (*Ideal-Partner Inventory* – IPI, Fletcher, Simpson, Thomas & Giles, 1999) na versão adaptada para o público português (De Freitas, 2013). O IPI é um instrumento de autorrelato que avalia a discrepância (ou a congruência) entre os escores computados através dos traços de personalidade do parceiro atual do participante e de um parceiro ideal hipotético (denominado DISCREPÂNCIA

neste estudo). As subescalas obtiveram alfa de 0,891 (Atual) e 0,868 (Ideal) na análise de confiabilidade interna.

- c)** A Escala Triangular do Amor de Sternberg Reduzida (ETAS-R; Andrade, Garcia, & Cassepp-Borges, 2013) adaptada e validada para o público brasileiro (original: *Triangular Love Scale* – TLS; Sternberg, 1997). O ETAS-R avalia o amor através de três subconstrutos correlacionados: intimidade, paixão e compromisso (denominados, juntos, como AMOR neste estudo). A escala foi previamente validada no Brasil (Andrade, Garcia, & Cassepp-Borges, 2013). Tanto as subescalas como a escala principal obtiveram bons escores de confiabilidade interna: intimidade (alfa de 0,816), paixão (alfa de 0,884), compromisso (alfa de 0,877) e amor (alfa de 0,932).
- d)** O Inventário do Sexismo Ambivalente (ISA – Formiga, 2011), adaptado e validado para o público brasileiro (original: *Ambivalent Sexism Inventory* – ASI; Glick & Fiske, 1996). O ISA é um instrumento que avalia atitudes sexistas através dos escores de dois subconstrutos correlacionados: sexismo hostil e sexismo benevolente, que, juntos, compõem o inventário de sexismo ambivalente. Esta escala foi previamente validada no Brasil (Formiga, 2011) e para os fins este estudo obteve bons índices de confiabilidade interna, obtendo alfas de 0,889 (sexismo hostil) e 0,879 (sexismo benevolente).
- e)** Dados sociodemográficos

3.4 Procedimentos

Os participantes foram contatados através de redes sociais digitais (Facebook e WhatsApp), por meio de divulgação em listas de contatos e em grupos digitais sobre relacionamentos amorosos e psicologia. A coleta de dados ocorreu no segundo semestre 2018.

Durante sua participação, os participantes foram caracterizados como homens heterossexuais e mulheres heterossexuais, e os instrumentos que eles recebiam dependiam de sua resposta: os homens respondiam as escalas falando da parceira, e as mulheres, falando do parceiro. Os instrumentos foram iguais, alterando-se apenas o sexo relativo ao sexo do(a) participante e de sua parceira(o). A aplicação dos questionários foi feita *on-line*, a partir da plataforma Unipark. Dentro da plataforma, os participantes tiveram acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e só responderam aos instrumentos após a aceitação do termo, o preenchimento do sexo, da idade, e do estado de residência. Excluindo-se o sexo, a idade do participante, o estado de residência e outras características sociodemográficas, não houve obrigatoriedade de o preenchimento dos instrumentos para os participantes prosseguirem para as próximas etapas – para que houvesse menos desistências na pesquisa. A ordem em que os inventários apareciam foi randomizada através de ajustes na plataforma, para controlar o efeito de ordem dos instrumentos.

4.0 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este capítulo será dedicado à análise e discussão dos resultados deste estudo. A discussão, a partir da análise dos dados, será distribuída em quatro partes. As três primeiras partes serão dedicadas à testagem e discussão dos resultados das quatro hipóteses deste estudo, referentes às relações, com a satisfação, da discrepância entre parceiro real de ideal; do sexismo; e do amor. Na última parte deste capítulo, discutirei o Modelo Geral da Satisfação, que emergiu à luz dos dados.

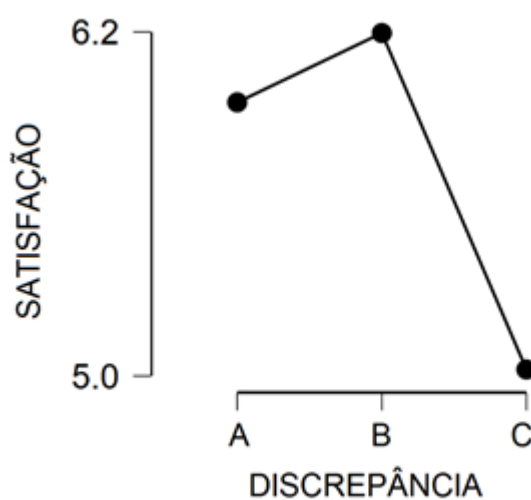
4.1 Hipótese 1

No âmbito da H1 deste estudo (Figura 1), realizei um teste correlacional simples entre a discrepância e a satisfação para avaliar a força da relação. Os resultados confirmaram, inicialmente, a hipótese de que o aumento na discrepância entre parceiro real e ideal reduziria a satisfação no relacionamento ($r=-0.479$, $p<0,001$). Para uma análise mais apurada, fez-se necessária uma análise das três possibilidades de respostas aos inventários que poderiam gerar três perfis de respondentes: participantes cujos escores obtidos resultavam em discrepância negativa (A) - sujeitos cujos parceiros reais obtiveram escores superiores aos parceiros ideais; discrepância nula (B) - onde os escores para parceiro real a ideal tendiam a zero; e os de discrepância positiva (C), cujos escores para os parceiros ideais eram maiores que os dos parceiros reais. A partir disto, criei uma variável categórica incluindo os três grupos, e rodei uma ANOVA para comparar os escores dos três grupos na variável satisfação.

Os resultados do teste evidenciaram médias diferentes para cada um dos grupos em satisfação. Os participantes do grupo A ($n=72$; $M=5.957$) e do grupo B ($n=55$; $M=6.196$) obtiveram médias semelhantes, mas diferenciando-se do grupo C, cujos escores dos parceiros ideais eram muito superiores aos dos parceiros reais

($n=59$; $M=5.023$). A ANOVA mostrou que a relação entre a discrepância e a satisfação é significativa ($F(2,183) = 17.14$, $p<0.001$, $\eta^2=0.158$), conforme pode ser visto na Figura 2.

Figura 2- Gráfico indicando a diferença nos escores de satisfação em relação aos três grupos (-1, 0, 1) de discrepância de relação entre parceiro real e ideal, conforme resultados obtidos através da ANOVA ($F(2,183) = 17.14$, $p<0.001$, $\eta^2=0.158$).



Rodei um teste *post hoc* para examinar as diferenças entre os grupos. Os resultados do teste demonstraram significância entre os grupos A e C ($t=-1.177$; $p_{tukey}<0.001$) e entre B e C ($t=-1.177$; $p_{tukey}<0.001$), mas não entre A e B ($p_{tukey}=0.468$), o que indica que não há diferença, nos escores de satisfação, entre ter um parceiro com mais traços valorizados pelo participante do que o ideal (i.e., discrepância negativa) e ter um parceiro sem discrepância (i.e., discrepância nula), outrossim uma diferença nos escores entre ter um parceiro com discrepância nula ou positiva e ter um parceiro com discrepância positiva.

Estes resultados se assemelham aos achados por Buyukcan-Tetik, Campbell, Finkenauer, Karremans & Kappen (2017), cujos dados apontaram a presença de uma curva não-linear na relação entre discrepância e satisfação: neste estudo, a satisfação

dos participantes aumentava à medida em que o parceiro se aproximava – ou se encaixava – nos ideais, mas à medida em que esse parceiro se apresenta como mais do que o participante espera, o impacto do encaixe não gerava uma relação significativa. Os autores do estudo, inclusive, discutiram o quanto que uma pessoa possuir mais traços valorizados do que um sujeito espera pode intimidar o parceiro, a ponto dele não se sentir seguro o suficiente para investir no relacionamento.

Para compreender aspectos relativos aos três eixos de traços de ideais de modo mais apurado, rodei uma regressão linear com os três fatores de preferência dos parceiros, mas não dos ideais, para avaliar quais componentes impactam mais na satisfação dos participantes conforme descrito na seção 2.2 desta dissertação: calorosidade/confiabilidade (CC), vitalidade/atratividade (VA), e status/recursos (SR) (Tabela 2). Os resultados indicaram que calorosidade/confiabilidade (e vitalidade/atratividade) exercem influência na satisfação, mas não status e recursos ($p=0.938$).

Tabela 2 - Poder explicativo dos traços preferidos para os parceiros: Confiabilidade/Calorosidade (CC), Vitalidade/Atratividade (VA), Status e Recursos (SR).

		Coeficientes				
Modelo		Não padronizado	Erro padrão	Beta Padronizado	t	p
1	(Intercepto)	1.985	0.295		6.724	< .001
	CC	0.563	0.095	0.453	5.940	< .001
	VA	0.385	0.103	0.299	3.743	< .001
	SR	0.006	0.082	0.005	0.079	0.938

O resultado parece indicar que os participantes dessa pesquisa não se sentem mais atraídos por alguém por influência de necessidades materiais, além de que a calorosidade/confiabilidade exerce maior parte da influência, em consonância com os dados encontrados pelo estudo original (Fletcher et al., 2001). Realizei uma nova regressão linear utilizando os fatores ideais, mas não dos parceiros reais, e a

satisfação. Os resultados demonstraram significância apenas em Confiabilidade e Calorosidade ($p < 0.001$, beta de 0.355; $R^2 = 0.171$).

A calorosidade/confiabilidade é um traço considerado como mais importante para os relacionamentos amorosos (Fletcher et al., 2001; Fletcher, Kerr, Li, & Valentine, 2014; Hammond & Overall, 2014), e as pessoas parecem ser mais sensíveis a estas expectativas. O eixo calorosidade/confiabilidade parece estar relacionado às necessidades de intimidade e proximidade que os indivíduos têm em seus relacionamentos amorosos, algo que também é asserido pelas teorias sobre compromisso (e.g., Rusbult, et al., 1994) e teorias sobre intimidade (e.g., Prager, 1995). Sullivan (1953), citado anteriormente neste estudo, diz que intimidade é um tipo de relação que permite a validação dos componentes do valor pessoal que um indivíduo sente. A noção de que à medida em que um indivíduo se expõe e investe num relacionamento, ele será acolhido e validado (i.e., calorosidade) e se sentirá mais disposto para a cuidar e manter o relacionamento (i.e., confiabilidade) permeia boa parte da literatura das teorias da responsividade (i.e., Reis & Shaver, 1988), que servem de base para este estudo.

Os testes não encontraram significância analisando as discrepâncias dos traços de ideais individuais, o que implica dizer que, para estes participantes, é a soma das discrepâncias que exerce influência na satisfação. Uma explicação alternativa possível é de que indivíduos mais satisfeitos veem seus parceiros como tendo uma menor discrepância, algo que não foi possível controlar. De qualquer sorte, os resultados permitem interpretar que há uma relação significativa entre discrepância e satisfação.

Controlando os efeitos de idade, sexo, etnia, tempo de relacionamento, nível educacional e religião, os resultados se mantêm, demonstrando que a relação entre

discrepância e satisfação se mantém estável. Os resultados parecem indicar que a discrepância explica aproximadamente 15,8% da variância encontrada nos níveis de satisfação, fornecendo apoio à hipótese 1.

4.2 Hipótese 2

Em relação à segunda hipótese, relacionando o amor e a satisfação (Figura 1), realizei um teste correlacional simples para avaliar a força da relação entre os construtos. Os resultados confirmaram, a princípio, a hipótese de que o aumento nos escores na variável 'amor' está relacionado a um aumento no escore em satisfação no relacionamento ($r=0.845$, $p<0.001$). Os testes com os subconstrutos (i.e., intimidade, paixão e compromisso) também evidenciaram a relação positiva através dos escores isolados de intimidade ($r=0.765$, $p<0.001$), paixão ($r=0.703$, $p<0.001$) e compromisso ($r=0.768$, $p<0.001$). Os resultados parecem ir à mesma direção com os encontrados por Andrade, Garcia, & Cano (2009), que indicaram que o ETAS-R é um forte preditor de satisfação nos relacionamentos amorosos.

Para uma análise mais aprofundada, criei uma variável categórica separando os participantes em dois grupos: os com escores mais altos e os com escores mais baixos em amor, e rodei uma ANOVA para comparar os impactos das médias da variável 'amor' na variável satisfação. Os resultados demonstraram diferenças entre os dois grupos nos escores de satisfação ($F(1,188) = 104.1$, $p<0.001$, $\eta^2=0.356$). A relação entre os dois grupos e a satisfação indicou diferença entre o menor ($n=101$, $M=5.078$) e o maior escore em amor ($n=89$, $M=6.511$).

Rodei uma regressão linear para avaliar o tamanho do efeito da relação dos subconstrutos que compõem a variável amor e o poder explicativo de cada um deles. Os três itens (intimidade, paixão e compromisso) em conjunto explicam 72,3% da variância encontrada em Satisfação (Tabela 2).

Tabela 3 – Coeficientes resultantes de uma regressão linear de intimidade, compromisso, e paixão em satisfação.

Modelo		Não-padronizado	Erro padrão	Padronizado	t	p
1	(Intercepto)	-0.703	0.306		-2.301	0.022
	Intimidade	0.692	0.102	0.383	6.806	< .001
	Compromisso	0.604	0.086	0.409	7.004	< .001
	Paixão	0.234	0.085	0.160	2.744	0.007

Os resultados parecem ir à mesma direção que a literatura teórica sobre o amor romântico e a satisfação nos relacionamentos (e.g., Fincham & Beach, 2006) de que o compromisso, seguido da intimidade, são os mais importantes preditores da satisfação em relacionamentos amorosos heterossexuais (e.g., Rusbult, 1980; Rusbult, Coolsen, Kirchner, & Clarke, 2006), constituindo-se de elementos importantes para as teorias da interdependência (Thibaut & Kelley, 1959; Reis & Shaver, 1988). Alguns autores argumentam que a paixão é um veículo para a intimidade (e.g., Aron, Fisher & Strong, 2006) em relacionamentos amorosos, no sentido de que a presença de uma maior intimidade leva a um maior compromisso e uma redução da paixão. A teoria triangular do amor (Sternberg, 1997) asseve que o amor pleno significa elementos dos três itens, e os resultados nos permite avaliar que a teoria recebe apoio neste estudo, apesar da paixão ter menos impacto na satisfação do que os outros dois elementos.

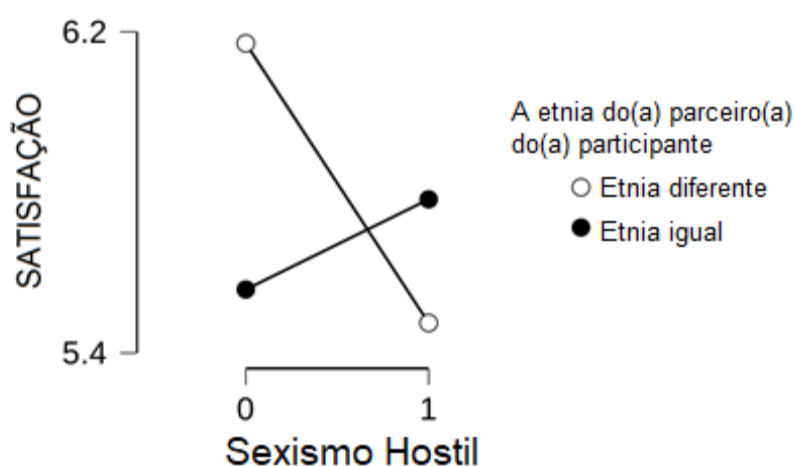
Controlando os efeitos da discrepância entre parceiro real e ideal, idade, sexo, etnia, tempo de relacionamento, nível educacional e religião dos participantes, os resultados se mantêm, demonstrando que a relação entre amor e satisfação se mantêm estável, implicando em boas evidências do poder preditivo da hipótese 2.

4.3 Hipóteses 3 e 4

O último bloco de hipóteses engloba as hipóteses 3 e 4, relativas aos sexismos benevolente e hostil e a satisfação no relacionamento (Figura 1). Confirmando a teoria do sexismo ambivalente (Glick & Fiske, 1996), os resultados demonstraram uma correlação forte entre sexismo hostil e sexismo benevolente ($p < 0.001$, $r = 0.733$). Um teste correlacional simples não revelou relação entre SB ou SH e a satisfação, refutando, inicialmente, a H3 (i.e., SB estará relacionado à satisfação), mas confirmando, a princípio, a H4 (i.e., SH não estará relacionado à satisfação).

Para fins de confirmação, rodei uma ANOVA incluindo outras variáveis demográficas e de relacionamento para avaliar possíveis variáveis influenciando na relação entre os sexismos e a satisfação. Quanto ao sexismo benevolente, não foram encontrados resultados significativos. No âmbito do sexismo hostil, entretanto, os resultados indicaram uma relação entre sexismo hostil, o(a) parceiro(a) do participante ser da mesma etnia que o(a) participante e a satisfação (Figura 3).

Figura 3 – Gráfico da ANOVA com resultados da relação entre o participante ter alto ou baixo nível de sexismo hostil e seu(a) parceiro(a) ser ou não ser da mesma etnia que o participante. ($F(1, 182) = 9.221$, $p = 0.012$, $\eta^2 = 0.033$)



Os resultados indicam que há uma relação entre o sexismo hostil (ou sexismo clássico) e expectativas de que o(a) parceiro(a) tenha uma etnia semelhante. Isto

parece apontar para um aspecto importante na tradição da psicologia social, de que os preconceitos – como racismo e sexismo, costumam caminhar juntos. Pessoas mais orientadas à tradição ou ao autoritarismo (e.g., Sibley & Overall, 2011), por exemplo, tendem a ser mais sexistas hostis e mais racistas (e.g., Swim, Aikin, Hall, & Hunter, 1995). O tamanho do efeito, entretanto, foi baixo ($n^2=0.033$). Os resultados parecem indicar que a H4 foi parcialmente refutada, visto que uma relação entre SH e satisfação emerge quando esta variável está sendo considerada. Uma análise mais esmiuçada da relação entre sexismo hostil e satisfação se dará na próxima seção.

4.4 Modelo Geral da Satisfação

A partir da testagem de hipóteses, fez-se necessária, como uma conclusão lógica, testar a relação de todas as variáveis descritas até então com a satisfação, para se aproximar mais do que pode ocorrer com os indivíduos em situações reais, onde vários fatores e elementos coexistem e influenciam na satisfação que o indivíduo sente no seu relacionamento amoroso. Para realizar isto, rodei uma regressão linear (método *Stepwise*) incluindo todas as variáveis dos instrumentos (i.e., discrepância, amor, sexismos), variáveis demográficas (e.g., idade, sexo, etnia) e variáveis do relacionamento (i.e., tempo de relacionamento, idade do parceiro) para avaliar quais destas variáveis sobreviveriam à explicação das mudanças nos escores de Satisfação (Tabela 4).

Tabela 4 – Regressões lineares *Stepwise* gerando cinco modelos Modelo Geral da Satisfação, que culminaram no Modelo Geral da Satisfação (Modelo 5), mantendo as variáveis Compromisso, Intimidade, Sexismo hostil, Tempo de relacionamento e Discrepância entre parceiro real e ideal influenciando nos níveis de satisfação dos participantes.

Coeficientes						
Modelo		Não-padronizado	Erro padrão	Padronizado	t	p
1	(Intercepto)	0.900	0.292		3.084	0.002
	Compromisso	1.161	0.069	0.781	16.847	< .001
2	(Intercepto)	-0.609	0.313		-1.947	0.053
	Compromisso	0.719	0.081	0.484	8.910	< .001
	Intimidade	0.790	0.098	0.438	8.065	< .001
3	(Intercepto)	-0.333	0.320		-1.039	0.300
	Compromisso	0.776	0.081	0.522	9.537	< .001
	Intimidade	0.752	0.097	0.417	7.770	< .001
4	Sexismo hostil	-0.171	0.058	-0.118	-2.944	0.004
	(Intercepto)	-0.129	0.326		-0.395	0.693
	Compromisso	0.791	0.080	0.533	9.841	< .001
	Intimidade	0.706	0.097	0.392	7.270	< .001
	Sexismo hostil	-0.155	0.058	-0.107	-2.690	0.008
5	Tempo de relacionamento	-0.011	0.005	-0.099	-2.494	0.014
	(Intercepto)	0.162	0.342		0.472	0.637
	Compromisso	0.726	0.083	0.489	8.700	< .001
	Intimidade	0.723	0.096	0.401	7.536	< .001
	Sexismo hostil	-0.152	0.057	-0.105	-2.672	0.008
	Tempo de relacionamento	-0.012	0.004	-0.103	-2.637	0.009
	Discrepância	-0.306	0.122	-0.102	-2.497	0.013

Com a adição de todas as variáveis, a regressão linear *Stepwise* gerou cinco modelos que indicam como as variáveis relevantes às hipóteses se relacionam, simultaneamente, com a satisfação que os participantes sentem em seus relacionamentos amorosos. O quinto modelo ($p=0.013$, $R^2=0.744$) evidencia que, destes, os itens Compromisso, Intimidade, Sexismo Hostil, Tempo de Relacionamento e Discrepância (Modelo 5, Tabela 4) aparecem como as únicas variáveis relevantes para a satisfação. É possível ver na Tabela 4 que o compromisso ($p<0.001$, beta de 0.489) e a intimidade ($p<0.001$, beta de 0.401) permanecem se correlacionando positivamente com a satisfação à medida em que outras variáveis são incluídas, e a discrepância permanece correlacionada negativamente nos escores de satisfação

($p < 0.05$, beta de -0.102), conforme observado anteriormente na discussão dos resultados relativos à H1. No modelo geral, emergiram o sexismo hostil – mas não o sexismo benevolente - e o tempo de relacionamento, reduzindo os escores de satisfação dos participantes.

O que este resultado parece indicar é que as relações amorosas se mantêm satisfatórias à medida em que os indivíduos se sentem ou agem de modo a manter ou aumentar o seu nível de compromisso e intimidade, e que a paixão perde o seu impacto no meio de todos os elementos. Do ponto de vista teórico, a relação entre compromisso e intimidade na manutenção do relacionamento é bem-estabelecida, conforme visto anteriormente neste estudo. Entretanto, isto parece contrariar parcialmente a teoria triangular do amor, que assere que o amor pleno envolve os três elementos – incluindo-se a paixão, já que os participantes desta pesquisa parecem demonstrar que estão bastante satisfeitos com um relacionamento marcado pelo companheirismo, donde a paixão não tem tanta influência, apesar de não necessariamente estar excluída da relação (e.g., Berscheid & Hatfield, 1978).

O impacto negativo do sexismo hostil (ou sexismo clássico) na satisfação nos relacionamentos amorosos dos participantes parece ir à direção dos estudos sobre sexismo e patriarcado. As expectativas tradicionais de gênero impõem uma série de limitações à expressão plena da individualidade de mulheres (Rudman & Glick, 2008), impactando negativamente no modo como os traços de personalidade delas são vistas por seus parceiros sexistas hostis – que esperam, grosso modo, submissão e obediência às custas de autonomia, independência e equidade (Glick & Fiske, 1996). É possível que os homens sexistas hostis tentem regular suas parceiras de modo menos assertivo (e.g., Hammond & Overall, 2017), ou agindo de modo agressivo incluindo, mas não se limitando, à ameaça ou violência física (e.g., Cross, Overall,

Hammond & Fletcher, 2017), causando danos à integridade e ao bem-estar físico da parceira no relacionamento. Como não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas do impacto do sexismo hostil para homens e mulheres é possível que a redução na satisfação dos relacionamentos das mulheres sexistas hostis se dê por uma série de prescrições sobre como homens devem ser, que, no cotidiano de um relacionamento, não se sustentam. Expectativas, por exemplo, de que os homens devam focar mais em suas carreiras do que nos seus relacionamentos ou que sejam menos sensíveis do que elas, algo que pode ser incompatível com o pleno funcionamento de uma relação amorosa, criando uma situação de desconforto. Mais estudos podem elucidar a relação entre o sexismo hostil em mulheres e a insatisfação no relacionamento. De todo modo, a larga tradição de estudos feministas e de direitos humanos parece deixar claro que o sexismo clássico causa impactos na vida das mulheres e, sob certas condições, de homens também.

Entretanto, devido à natureza do estudo, não é possível traçar com precisão que o compromisso e a intimidade causam a satisfação, ou que o sexismo e a discrepância causam uma redução nela. Em verdade, é possível que os participantes se sintam mais próximos, comprometidos e mais íntimos *porque* estão mais satisfeitos com o relacionamento. Apesar disso, é possível perceber que a relação entre satisfação, compromisso e intimidade podem ser vistas como bons indicadores da saúde de um relacionamento amoroso, de modo geral.

Estudos recentes em terapia de casal demonstram que um dos maiores objetivos da clínica para casais é a melhoria e o reestabelecimento da intimidade e do compromisso (e.g., Baucom, Baucom, & Christensen, 2015; Halford, Pepping, & Petch, 2016). Os resultados destes estudos, e o Modelo Geral da Satisfação, parecem apontar que esta estratégia pode render bons frutos. Farei um exame mais apropriado

das implicações destes resultados para as terapias de casal no capítulo final.

5. CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

O presente trabalho buscou compreender os fatores que levam à satisfação – ou insatisfação – de homens e mulheres num relacionamento amoroso heterossexual. Busquei identificar a importância do amor (i.e., intimidade, paixão e compromisso), dos fatores de preferência por ideais e do sexismo, e demonstrar a relevância dos resultados tanto para o corpo de tradição em psicologia social, quanto para o público leigo.

Os resultados parecem mostrar que o comprometimento foi o elemento de maior relevância para a satisfação, indo à direção dos estudos sobre tamanho do investimento e de se comprometer como um processo de tomada de decisão. O compromisso envolve a persistência de sentimentos de apego psicológico, um senso de aliança com o(a) parceiro(a) e a disposição para considerar as implicações das atitudes no contexto do relacionamento, não apenas para o indivíduo. As pesquisas sobre ilusões positivas, citadas anteriormente neste estudo, permitem que possamos pensar que indivíduos mais comprometidos vejam seus parceiros como menos discrepantes do que eles realmente são, e devido à natureza deste estudo, não foi possível avaliar uma possível relação de causa e efeito. A intimidade, outro elemento de grande relevância, recebeu grande suporte em sua relação com a satisfação, sendo vista como uma motivação pessoal ou como uma qualidade das interações.

O fato de a intimidade e o comprometimento andarem lado a lado nas teorias sobre relacionamentos amorosos e de que os resultados deste estudo demonstrarem que é a relação mais fortemente estabelecida faz com que eu não possa avaliar com precisão se os construtos podem, efetivamente, ser traduzidos como elementos constituintes do amor, ou do amor triangular. Compromisso e intimidade se mostraram como elementos robustos individualmente, e o fato deles explicarem parte significativa

da satisfação parece implicar que eles são, até certo ponto, os verdadeiros responsáveis por relacionamentos satisfatórios, indo na mesma direção que décadas de pesquisa em relacionamentos amorosos. O que chamamos de amor no corpo deste estudo pode não se sustentar. É possível que as pessoas sintam mais amor por seus parceiros à medida em que estejam mais comprometidas, íntimas e satisfeitas. Terapeutas de casal e teóricos de relacionamento falam deste fenômeno há algum tempo, em que definem o amor não como um sentimento, mas como uma disposição para agir. Talvez amar esteja, de fato, no caminhar, e não no sentimento. Para os fins deste estudo, entretanto, estou satisfeito em avaliar que compromisso e intimidade, por si só, bastam.

No campo da discrepância e dos ideais, é importante pensar em algumas ressalvas. Não avaliei o quanto cada eixo de ideal é valorizado por cada participante, nem tampouco o grau de flexibilidade [psicológica] deles, não me permitindo responder com precisão se a discrepância necessariamente implica em insatisfação. É possível que indivíduos mais flexíveis, mesmo que encontrem discrepâncias em seus relacionamentos, mantenham-se se satisfeitos. Além disso, conforme dito anteriormente, é possível que os indivíduos satisfeitos vejam seus parceiros como menos discrepantes. Também não avaliei fatores intrassubjetivos de personalidade, como autoestima ou estilos de apego, nem fatores do parceiro como atratividade percebida, que podem influenciar nos ideais (e no impacto destes na satisfação). Pode ser que, por exemplo, algumas pessoas valorizem tanto um eixo de ideal que tolerem melhor discrepâncias em outros eixos. Novos estudos poderão elucidar melhor estas questões.

Também não avaliei o mesmo participante em momentos distintos. Pode ser que, da resposta ao estudo, estejam num dia significativo, como numa semana de

aniversário de relacionamento ou após uma noite especialmente boa com o(a) seu(a) parceiro(a). Estudos posteriores podem suprir esta lacuna. Além disso, o fato de eu ter avaliado apenas um dos membros da díade pode fazer com que o estudo esteja enviesado, e a percepção que o participante tem pode não se sustentar em seu(a) parceiro(a). Planejo me envolver em estudos posteriores que poderão e, na minha opinião, deverão necessariamente avaliar ambos os membros de uma díade conjugal ou relacional.

Sobre as variáveis relativas ao sexismo, é possível ver que o sexismo hostil (ou clássico) impacta negativamente nos relacionamentos amorosos. É possível que existam prescrições e expectativas baseadas em gênero que escapem ao escopo deste trabalho, e, por isso, não conseguimos avaliar com precisão em que medida e porque eles impactam negativamente na satisfação. De todo o modo, sociedades que buscam mais igualdades – ou sociedades emergentemente igualitárias tendem a valorizar e selecionar mulheres que possuam uma série de características contraestereotípicas para que obtenham sucesso profissional ou acadêmico, como assertividade, independência e ambição – que, facilmente, se tornam rebeldia, teimosia e arrogância na ótica de um homem suficientemente sexista hostil, ou pertencendo a algum grupo que estimule este tipo de prescrição. É possível ver que, apesar do sexismo hostil reduzir a satisfação de modo independente do gênero do participante, o patriarcado – estrutura social subjacente às atitudes sexistas – é relativamente incompatível com um relacionamento amoroso satisfatório e que, apesar dos sexismos serem relativamente bem correlacionados, o sexismo benevolente não exerceu impacto no modelo geral da satisfação, sugerindo o que teóricas feministas e de direitos humanos já nos dizem há muito tempo: o machismo não faz bem à ninguém, sobretudo às mulheres. É entristecedor perceber que o

sexismo clássico, apesar de duramente combatido, ainda se mantém firme e forte – sobretudo nas relações amorosas entre homens e mulheres.

Pesquisas futuras podem esmiuçar a relação entre os sexismos e a satisfação através da relação que ele têm na díade como um todo, e em diversos momentos do cotidiano de um casal, como, por exemplo, os efeitos da exposição a episódios sexistas na aceitação deste tipo de atitude – e os impactos a curto e longo prazo do sexismo na qualidade de vida e satisfação nos relacionamentos amorosos.

Apesar da maior parte dos participantes do estudo serem da Bahia e, de modo geral, com nível universitário, julgo que o trabalho contribui para os estudos de relacionamentos amorosos, à medida em que fortalece a percepção de elementos que constituem o que chamamos de satisfação no campo destes. Indivíduos comprometidos e íntimos se sentem mais satisfeitos, e apesar do fato da discrepância e do sexismo influenciarem negativamente na qualidade das relações, parece que o tempo de relacionamento pode fazer com que a satisfação se mantenha estável por conta da melhoria nos níveis de compromisso e de intimidade.

Os resultados também podem ser utilizados para a prática dos psicoterapeutas que trabalhem com famílias e com casais. De modo geral, o compromisso e a intimidade são elementos constituintes da satisfação nos relacionamentos amorosos com grande relevância. É possível que, por exemplo, casais com problemas em vulnerabilidade e exposição de elementos de si, como dificuldades cotidianas ou no próprio relacionamento, e o manejo inadequado destas questões (da própria relação ou de traumas de relações passadas) pode prejudicar a comunicação entre os parceiros, de modo que resulte em prejuízos para a intimidade. Terapeutas que utilizem processos psicoterápicos para compreender e reestabelecer um canal de intimidade pode ter bons resultados em sua prática, com o desenvolvimento da

assertividade enquanto habilidade pessoal de ambos os membros da díade.

É possível que o reestabelecimento ou o desenvolvimento da intimidade, por si só, melhore o compromisso dos membros da díade, mas examinar os elementos que fazem com que o compromisso esteja baixo também é de grande relevância. É possível que a análise ou o exame dos elementos que façam com que o investimento no relacionamento esteja reduzido renda bons frutos, como, por exemplo, o indivíduo ter dificuldades em se comprometer por traumas passados, por crenças disfuncionais para o âmbito do relacionamento ou, talvez, pela baixa responsividade. Indivíduos podem se comprometer menos por acreditarem que seus parceiros não são tão comprometidos com a relação. O investimento e os trabalhos em intimidade e compromisso, se devidamente bem manejados, preferencialmente utilizando processos e procedimentos baseados em evidências, pode fazer com que os casais tenham um encaixe mais adequado ou, até, possam encerrar seus relacionamentos de modo menos danoso para ambos, à medida em que percebem que não era ali que eles gostariam de estar.

Quanto aos outros elementos que enfraquecem a satisfação, não há muito o que possamos fazer em relação ao tempo de relacionamento. Mas em relação à discrepância, é possível que os psicoterapeutas possam desenvolver um grau mais elevado de flexibilidade nos indivíduos para que eles não fiquem tão sensíveis às diferenças entre o parceiro que idealizam e o parceiro com quem estão. Estar mais sob controle das qualidades do parceiro(a) do que dos critérios ideais pode beneficiar os membros de um casal, tanto intrassubjetivamente quanto do ponto de vista da díade.

Creio que o maior desafio para o prático, desafio histórico que perdura até a contemporaneidade, é o de minar os efeitos deletérios do sexismo clássico na relação.

Terapeutas de casal há décadas chegaram a conclusões semelhantes sob o ponto de vista das pessoas mais tradicionais: sexistas hostis, por serem pessoas mais tradicionais, frequentemente evadem de psicoterapias de casal e têm mais dificuldade de se beneficiarem delas. É possível que novas formas de se tratar a questão possam melhorar a qualidade da interação da díade. O sexismo clássico faz mal às relações e os dados nos ajudam a perceber isso. É importante frisar que, apesar do sexismo benevolente não ter emergido no modelo geral da satisfação, ele frequentemente anda lado a lado com o sexismo clássico. O praticante de casal deve estar atento a estas questões, porque elas certamente emergirão no âmbito dos relacionamentos amorosos, sobretudo das relações de casamento.

Para próximos trabalhos, julgo que devo avaliar ambos os membros da díade e incluir formas de avaliar elementos intrassubjetivos e avaliar o casal em mais de um momento, para ter um exame mais preciso e mais apropriado sobre como estes elementos influenciam na vida do casal ao longo do tempo. Acredito que estas questões possam ser sanadas num doutorado próximo, fazendo mais de um estudo com metodologias diferentes e, de preferência, utilizando os mesmos casais em mais de um momento. Estudos contemporâneos têm investido nisso e esta linha de investigação parece estar rendendo bons frutos.

Em suma, os relacionamentos amorosos continuam sendo uma esfera de grande importância na vida de mulheres e homens. O pesquisador ou o psicoterapeuta se beneficiarão de ter uma percepção mais contemporânea e mais precisa sobre estes. Espero que este trabalho incentive outros pesquisadores e outras pesquisadoras a terem um olhar mais afiado em relação a estas questões.

Referências

- Amato, P. R., & Previti, D. (2003). People's Reasons for Divorcing: Gender, Social Class, the Life Course, and Adjustment. *Journal of Family Issues*, 24(5), 602–626. <https://doi.org/10.1177/0192513X03254507>
- Andrade, A. L. de, Garcia, A., & Cano, D. S. (2009). Preditores da satisfação global em relacionamentos românticos. *Psicologia: Teoria e Prática*, 11(3), 143–156.
- Andrade, A. L. de, Garcia, A., & Cassepp-Borges, V. (2013). Evidências de validade da Escala Triangular do Amor de Sternberg - Reduzida (ETAS-R). *Psico-USF*, 18(3), 501–510. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712013000300016>
- Aron A, Fisher H, Strong G. (2006). Romantic love. In: Vangelisti A, Perlman D, (Eds.). *Cambridge Handbook of Personal Relationships*. New York: Cambridge University Press. pp. 595–614.
- Becker, J.C. & Sibley, C.G. (2016). Sexism. In T. Nelson (Ed.), *Handbook of prejudice, stereotyping, and discrimination* (pp. 315-336). New York: Psychology Press.
- Berk, M. S., & Andersen, S. M. (2000). The impact of past relationships on interpersonal behavior: Behavioral confirmation in the social-cognitive process of transference. *Journal of Personality and Social Psychology*, 79, 546-562. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.79.4.546>
- Berscheid, E. (1985). Interpersonal attraction. In G. Lindzey & E. Aronson (Eds.), *The handbook of social psychology* (3rd edn., Vol.2, pp. 413 – 484). New York, NY: Random House
- Berscheid, E., & Hatfield [Walster], E. H. (1969). *Interpersonal attraction*. New York: Addison Wesley
- Bohner, G., Ahlborn, K., & Steiner, R. (2010). How sexy are sexist men? Women's perception of male response profiles in the ambivalent sexism inventory. *Sex Roles*, 62(7–8), 568–582. <https://doi.org/10.1007/s11199-009-9665-x>
- Bowes-Catton, H. & Hayfield, N. (2015) Bisexualities. In: Richards, C. and Barker, M., eds. (2015) *The Palgrave Handbook of the Psychology of Sexuality and Gender* (pp. 42-59). London: Palgrave Macmillan.
- Britton, P. J., Levine, O. H., Jackson, A. P., Hobfoll, S. E., Shepherd, J. B., & Lavin, J. P. (1998). Ambiguity of monogamy as a safer-sex goal among single, pregnant, inner-city women: Monogamy by whose definition? *Journal of Health Psychology*, 3(2), 227–232. <http://doi.org/10.1177/135910539800300206>
- Buss, D. M. (1989). Sex differences in human mate preferences: Evolutionary hypotheses tested in 37 cultures. *Behavioral and Brain Sciences*, 12, 1–49. <http://doi.org/10.1017/S0140525X00023992>
- Buss, D. M., Abbott, M., Angleitner, A., Asherian, A., Biaggio, A., Blanco-Villasenor, A...., Yang, K.-S. (1990). International preferences in selecting mates: A study of 37 cultures. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 21, 5–47. <http://doi.org/10.1177/0022022190211001>

- Buyukcan-Tetik, A. & Campbell, L. & Finkenauer, C. & Karremans, J. & Kappen, G. (2017). Ideal Standards, Acceptance, and Relationship Satisfaction: Latitudes of Differential Effects. *Frontiers in Psychology*, 8. 10.3389/fpsyg.2017.01691.
- Campbell, L., Chin, K., Stanton, S. C. E. (2016). Initial Evidence that Individuals Form New Relationships with Partners that More Closely Match their Ideal Preferences. *Collabra*, 2(1): 2, pp. 1–7, DOI: <http://dx.doi.org/10.1525/collabra.24>
- Campbell, L., Simpson, J. A., Kashy, D. A., & Fletcher, G. J. O. (2001). Ideal standards, the self, and flexibility of ideals in close relationships. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 27(4), 447-462. <http://doi.org/10.1177/0146167201274006>
- Cassepp-Borges, V., & Teodoro, M. L. M. (2007). Propriedades psicométricas da versão brasileira da escala triangular do amor de Sternberg. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(3), 513–522. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722007000300020>
- Christensen, A., Doss, B. D., Jacobson, N. S. (2014). *Reconcillable Differences* (2nd. Ed.). New York: Guilford.
- Clark, M. S., & Lemay, E. P., Jr. (2010). Close relationships. In S. T. Fiske, D.T. Gilbert, & G. Lindzey (Eds.), *Handbook of social psychology* (5th edn., Vol.2, pp. 898 – 940). New York, NY: John Wiley & Sons.
- Cohan, C. L., & Bradbury, T. N. (1997). Negative life events, marital interaction, and the longitudinal course of newlywed marriage. *Journal of Personality and Social Psychology*, 73, 114–128.
- Cross, E. J., Overall, N. C., Hammond, M. D., & Fletcher, G. J. O. (2017). When Does Men's Hostile Sexism Predict Relationship Aggression? The Moderating Role of Partner Commitment. *Social Psychological and Personality Science*, 8(3), 331–340. <https://doi.org/10.1177/1948550616672000>
- Delacollette, N., Dumont, M., Sarlet, M., & Dardenne, B. (2013). Benevolent Sexism, Men's Advantages and the Prescription of Warmth to Women. *Sex Roles*, 68(5–6), 296–310. <https://doi.org/10.1007/s11199-012-0232-5>
- Dion, K. K., & Dion, K. L. (1996). Cultural perspectives on romantic love. *Personal Relationships*, 3, 5 –18.
- Doss, B. D., Simpson, L. E., & Christensen, A. (2004). Why do couples seek marital therapy? *Professional Psychology*, 35, 608–614.
- Eastwick, P. W., Finkel, E. J. and Eagly, A. H. (2011) When and why do ideal partner preferences affect the process of initiating and maintaining romantic relationship? *Journal of Personality and Social Psychology* 101: 1012-1032.
- Eastwick, P. W., Luchies, L. B., Finkel, E. J., & Hunt, L. L. (2014). The predictive validity of ideal partner preferences: A review and meta-analysis. *Psychological Bulletin*, 140(3), 623–665. <https://doi.org/10.1037/a0032432>
- Fincham, F. D., Beach, S. R. H. (2006). Relationship Satisfaction. In: Vangelisti A, Perlman D, editors. *Cambridge Handbook of Personal Relationships*. New York: Cambridge University Press. pp. 595–614.

- Fisher, H. E. (1998). Lust, attraction, and attachment in mammalian reproduction. *Human Nature*, 9, 23–52.
- Fisher, H. E. (2004). *Why we love: The nature and chemistry of romantic love*. New York: Holt.
- Fiske, S. T., Dupree, C. H., Nicolas, G., & Swencionis, J. K. (2016). Status, power, and intergroup relations: The personal is the societal. *Current Opinion in Psychology*, 11, 44–48. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2016.05.012>
- Fletcher, G. J. O., Kerr, P. S. G., Li, N. P. & Valentine, K. A. (2014). Predicting Romantic Interest and Decisions in the Very Early Stages of Mate Selection: Standards, Accuracy, and Sex Differences. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 40 (4), 540-550.
- Fletcher, G. J. O., Simpson, J. A., Thomas, G., & Giles, L. (1999). Ideals in Intimate Relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 76(1), 72–89. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.76.1.72>
- Fletcher, G. J. O., Simpson, J. A., & Thomas, G. (2000). The Measurement of Perceived Relationship Quality Components: A Confirmatory Factor Analytic Approach. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 26(3), 340–354. <https://doi.org/10.1177/0146167200265007>
- Fruzzetti, A. E., & Jacobson, N. S. (1990). Toward a behavioral conceptualization of adult intimacy: Implications for marital therapy. In E. A. Blechman (Ed.), *Emotions and the family: For better or for worse* (pp. 117–135). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Gaines, S. O. (2016). *Personality and close relationship processes*. New York: Cambridge University Press.
- Glick, P., Fiske, S. T., Mladinic, A., Saiz, J. L., Abrams, D., Masser, B., ... Lopez, W. L. (2000). Beyond Prejudice as Simple Antipathy: Hostile and Benevolent Sexism Across Cultures. *Journal of Personality and Social Psychology*, 79(5), 763–775. <https://doi.org/10.1037//0022-3514.79.5.763>
- Glick, P., & Fiske, S., Glick, P., & Fiske, S. T. (1996). The Ambivalent Sexism Inventory: Differentiating hostile and benevolent sexism. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70(3), 491–512. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.70.3.491>
- Gordon, A. M., Impett, E. A., Kogan, A., Oveis, C., & Keltner, D. (2012). To have and to hold: Gratitude promotes relationship maintenance in intimate bonds. *Journal of Personality and Social Psychology*, 103(2), 257–274. <https://doi.org/10.1037/a0028723>
- Gouveia, V. V., Fonseca, P. N. Da, Cavalcanti, J. P. N., Diniz, P. K. D. C., & Dória, L. C. (2009). Versão abreviada da Escala Triangular do Amor: evidências de validade fatorial e consistência interna. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 14(1), 31–39. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2009000100005>
- Hill, R. (1945). Campus values in mate-selection. *Journal of Home Economics*, 37, 554-558.

- Hammond, M. D., & Overall, N. C. (2013). When relationships do not live up to benevolent ideals: Women's benevolent sexism and sensitivity to relationship problems. *European Journal of Social Psychology*, 43(3), 212–223. <https://doi.org/10.1002/ejsp.1939>
- Hammond, M. D., & Overall, N. C. (2014). Endorsing benevolent sexism magnifies willingness to dissolve relationships when facing partner-ideal discrepancies. *Personal Relationships*, 21(2), 272–287. <https://doi.org/10.1111/per.12031>
- Hammond, M. D., & Overall, N. C. (2017). Dynamics Within Intimate Relationships and the Causes, Consequences, and Functions of Sexist Attitudes. *Current Directions in Psychological Science*, 26(2), 120–125. <https://doi.org/10.1177/0963721416686213>
- Hazan, C. & Shaver, P. (1987) Romantic Love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52(3), 511-524.
- Holt-Lunstad J, Smith TB, Layton JB (2010) Social Relationships and Mortality Risk: A Meta-analytic Review. *PLOS Medicine* 7(7): e1000316. <https://doi.org/10.1371/journal.pmed.1000316>
- Jacobson, N. S., & Christensen, A. (1996). *Integrative couple therapy: Promoting acceptance and change*. New York: Norton.
- Jankowiak, W. and Fischer, E. (1992) A Cross-Cultural Perspective on Romantic Love. *Ethnology*, 31, 149-155. <http://dx.doi.org/10.2307/3773618>
- Kelley, H. H., & Thibaut, J. W. (1978). *Interpersonal relations: A theory of interdependence*. New York: Wiley.
- Laurenceau, J., Kleinman, B. M. (2006). Intimacy in Personal Relationships. In: Vangelisti A, Perlman D, editors. *Cambridge Handbook of Personal Relationships*. New York: Cambridge University Press. pp. 595–614.
- Lee, J. A. (1977). A typology of styles of loving. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 3, 173–182.
- Lee, T. L., Fiske, S. T., Glick, P., & Chen, Z. (2010). Ambivalent sexism in close relationships: (Hostile) power and (benevolent) romance shape relationship ideals. *Sex Roles*, 62(7–8), 583–601. <https://doi.org/10.1007/s11199-010-9770-x>
- Levinger, G. (1965). Marital cohesiveness and dissolution: An integrative review. *Journal of Marriage and the Family*, 27, 19–28.
- McAdams, D. P. (1985). Motivation and friendship. In S. Duck & D. Perlman (Eds.), *Understanding personal relationships* (pp. 85–105). London: Sage.
- Murray, S., Holmes, J. & Griffin, D. (1996). The Benefits of Positive Illusions: Idealization and the Construction of Satisfaction in Close Relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*. 70. 79-98. <http://doi.org/10.1037/0022-3514.70.1.79>.

- Oishi, S., Krochik, M., & Akimoto, S. (2010). Felt understanding as a bridge between close relationships and subjective well-being: Antecedents and consequences across individuals and cultures. *Social and Personality Psychology Compass*, 4, 403–416. <http://doi.org/10.1111/j.1751-9004.2010.00264.x>
- Overall, N. C., & Fletcher, G. J. O. (2010). Perceiving regulation from intimate relationships: Reflected appraisal and self-regulation processes in close relationships. *Personal Relationships*, 17, 433–456.
- Overall, N. C., Fletcher, G. J. O., & Simpson, J. A. (2006). Regulation processes in intimate relationships: The role of ideal standards. *Journal of Personality and Social Psychology*, 91(4), 662–685. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.91.4.662>
- Overall, N. C., & Sibley, C. G., & Travaglia, L. K. (2010). Loyal but ignored: The benefits and costs of constructive communication behavior. *Personal Relationships*, 17, 127–148
- Pasinato, W. (2011). “Femicídios” e as mortes de mulheres no Brasil. *Cadernos Pagu.*, 37, 219 – 246.
- Prager, K. J. (1995). *The psychology of intimacy*. New York: Guilford Press
- Radke, H. R. M, Hornsey, M., & Barlow, F. K. (2016). Barriers to Women Engaging in Collective Action to Overcome Sexism. *American Psychologist*, 71 (9), 863-874. <https://doi.org/10.1037/a0040345>
- Rambukkana, N. (2015). Open Non-monogamies. In: Richards, C. and Barker, M., eds. (2015) *The Palgrave Handbook of the Psychology of Sexuality and Gender* (pp. 236-260). London: Palgrave Macmillan.
- Reis, H. T., & Shaver, P. (1988). Intimacy as an interpersonal process. In S. W. Duck (Ed.), *Handbook of personal relationships: Theory, research and interventions* (pp. 376–389). Chichester, England: Wiley.
- Reis, H. T., Clark, M. S., & Holmes, J. (2004). Perceived partner responsiveness as an organizing construct in the study of intimacy and closeness. In D. J. Mashek & A. Aron (Eds.), *Handbook of closeness and intimacy* (pp. 201–225). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Reis, H. T. (2007). Steps toward the ripening of relationship science. *Personal Relationships*, 14, 1 – 23.
- Riggs, D. W. (2015). Gay Men. In: Richards, C. and Barker, M., eds. (2015) *The Palgrave Handbook of the Psychology of Sexuality and Gender* (pp.77-91). London: Palgrave Macmillan.
- Rubin, Z. (1970). Measurement of romantic love. *Journal of Personality and Social Psychology*, 16, 265–273.
- Rudman, L. A., & Glick, P. (2001). Prescriptive gender stereotypes and backlash toward agentic women. *The Journal of Social Issues*, 57(4), 743–762. <https://doi.org/10.1111/0022-4537.00239>
- Rudman, L. A., & Glick, P. (2008). *The social psychology of gender: how power and intimacy shape gender relations*. New York: The Guilford Press.

- Rusbult, C. E. (1980). Commitment and satisfaction in romantic associations: A test of the investment model. *Journal of Experimental Social Psychology, 16*, 172-186.
- Rusbult, C. E., Onizuka, R. K., & Lipkus, I. (1993). What do we really want? Mental models of ideal romantic involvement explored through multidimensional scaling. *Journal of Experimental Social Psychology, 29*, 493-527.
- Rusbult, C. E., Coolsen, M. K., Kirchner, J. L. & Clarke, J. A. (2006). Commitment. In: Vangelisti A, Perlman D, (Eds.). *Cambridge Handbook of Personal Relationships*. New York: Cambridge University Press. pp. 595-614.
- Selcuk, E., Gunaydin, G., Ong, A. D., & Almeida, D. M. (2016). Does partner responsiveness predict hedonic and eudaimonic well-being? A 10-year longitudinal study. *Journal of Marriage and Family, 78*, 311-325. <https://doi.org/10.1111/jomf.12272>
- Selcuk, E., Karagobek, A. B., Gunaydin, G. (2018). Responsiveness as a key predictor of happiness: mechanisms and unanswered questions. In: M. Demir, N. Sumer (Eds.). *Close Relationships and Happiness across Cultures*. Switzerland:Springer
- Sibley, C. G., & Overall, N. C. (2011). A Dual Process Motivational Model of Ambivalent Sexism and Gender Differences in Romantic Partner Preferences. *Psychology of Women Quarterly, 35*(2), 303-317. <https://doi.org/10.1177/0361684311401838>
- Sternberg, R. J. (1997). Construct validation of a triangular love scale. *European Journal of Social Psychology, 27*(3), 313-335.
- Sullivan, H. S. (1953). *The interpersonal theory of psychiatry*. New York: Norton.
- Swim, J. K., Aikin, K. J., Hall, W. S., & Hunter, B. A. (1995). Sexism and Racism: Old-Fashioned and Modern Prejudices. *Journal of Personality and Social Psychology, 68*(2), 199-214. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.68.2.199>
- Thibaut, J. W., & Kelley, H. H. (1959). *The social psychology of groups*. New York: Wiley.
- Travaglia, L. K., Overall, N. C., & Sibley, C. G. (2009). Benevolent and Hostile Sexism and preferences for romantic partners. *Personality and Individual Differences, 47*(6), 599-604. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2009.05.015>
- Wachelke, J. F. R., Andrade, A. L. de, Cruz, R. M., Faggiani, R. B., & Natividade, J. C. (2004). Medida da satisfação em relacionamento de casal. *Psico-USF, 9*(1), 11-18. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712004000100003>

ANEXO 1:
INVENTÁRIO DE SEXISMO AMBIVALENTE, ADAPTADO AO
PÚBLICO BRASILEIRO (Formiga, 2011)

INVENTÁRIO DE SEXISMO AMBIVALENTE

Abaixo estão uma série de declarações sobre homens e mulheres e suas relações na sociedade contemporânea. Por favor indique o quanto você concorda ou discorda de cada uma destas declarações usando a seguinte escala: 0 = discordo totalmente; 1 = discordo em algum grau; 2 = discordo um pouco; 3 = concordo um pouco; 4 = concordo em algum grau; 5 = concordo fortemente.

01. Ainda que um homem tenha muito êxito em sua vida, não poderá sentir-se completo a menos que tenha o amor de uma mulher.

02. Com o pretexto da igualdade, muitas mulheres buscam privilégios especiais, como condições de trabalho que as favoreçam.

03. Em caso de grandes ou pequenos acidentes, as mulheres devem ser resgatadas antes que os homens.

04. A maioria das mulheres interpreta os comentários ou brincadeiras inocentes como sexistas, isto é, como expressões preconceituosas ou discriminatórias contra elas.

05. As mulheres se ofendem muito facilmente.

06. As pessoas não podem ser verdadeiramente felizes em suas vidas a menos que tenham uma outra pessoa do sexo oposto. (Ex.: para o homem, uma mulher, e vice-versa).

07. Na verdade, o que as mulheres feministas pretendem é que a mulher tenha mais poder que o homem.

08. Muitas mulheres se caracterizam por uma pureza que poucos homens possuem.

09. As mulheres devem ser queridas e protegidas pelos homens.

10. A maioria das mulheres não dá valor completamente a tudo o que os homens fazem por ela.

11. As mulheres tentam ganhar poder controlando os homens.
12. Todo homem deve ter uma mulher a quem amar.
13. O homem está incompleto sem a mulher.
14. As mulheres exageram os problemas que têm no trabalho.
15. Uma vez que uma mulher consiga que o homem se comprometa com ela, geralmente, ela tenta controlar.
16. Quando as mulheres são vencidas pelos homens numa disputa justa, geralmente se queixam de serem “roubadas” ou discriminadas.
17. Uma boa mulher deveria ser posta em um pedestal pelo homem.
18. Existem muitas mulheres que, para chamar a atenção de um homem, primeiro se insinuam sensualmente e depois rejeitam seus avanços ou “cantadas”.
19. As mulheres, em comparação com os homens, tendem a ter uma maior sensibilidade moral.
20. Os homens deveriam estar dispostos a sacrificar seu próprio bem-estar a fim de dar segurança econômica e social às mulheres.
21. As mulheres feministas estão fazendo exigências completamente irracionais aos homens.
22. As mulheres, em comparação com os homens, mostram um sentido mais refinado para a cultura e o bom gosto.

ANEXO 2:
INVENTÁRIO DE COMPONENTES DE QUALIDADE DO
RELACIONAMENTO PERCEBIDA (Perceived Relationship Quality
Component Inventory: PRQCI – Fletcher, Simpson & Thomas, 2000,
tradução livre).

INVENTÁRIO DE COMPONENTES DE QUALIDADE DO RELACIONAMENTO PERCEBIDA

Abaixo estão uma série de declarações sobre como você avalia o seu relacionamento amoroso atual. Por favor indique o quanto você concorda ou discorda de cada uma destas declarações atribuindo o quanto você discorda ou concorda de cada uma destas declarações, indo de: 0 = nem um pouco a 7 = extremamente.

1. Quão satisfeito (a) você está com o seu relacionamento?
2. Quão contente você está com o seu relacionamento?
3. Quão feliz você está com o seu relacionamento?
4. Quão comprometido (a) você está com o seu relacionamento?
5. Quão dedicado (a) você está com o seu relacionamento?
6. Quão devotado (a) você está com o seu relacionamento?
7. Quão íntimo é o seu relacionamento?
8. Quão próximo é o seu relacionamento?
9. Quão conectado você se sente em relação a seu(a) parceiro (a)?
10. Quanto você confia no (a) seu (a) parceiro (a)?
11. Quanto você pode contar no (a) seu (a) parceiro (a)?
12. Quão seguro é o (a) seu (a) parceiro (a)?

ANEXO 3:
ESCALA DO AMOR DE STERNBERG – REDUZIDA - ADAPTADA AO
PÚBLICO BRASILEIRO (ETAS-R; Andrade, Garcia & Cassepp-
Borges, 2013)

ESCALA DO AMOR DE STERNBERG (i.e., ESCALA TRIANGULAR DO AMOR)

Abaixo se encontram uma série de declarações (frases) sobre como você se sente em relação ao seu(a) parceiro (a) ATUAL. Por favor nos conte o quanto você concorda com cada uma das frases abaixo, numa escala de 0 = não me descreve nada a 9 = me descreve totalmente.

1. Eu recebo muito apoio emocional de meu companheiro(a).
2. Eu sinto que eu realmente entendo meu companheiro(a).
3. Eu dou muito apoio emocional ao meu companheiro(a).
4. Tenho uma relação afetuosa com meu companheiro(a).
5. Eu promovo ativamente o bem-estar de meu companheiro(a).
6. Não deixaria nada atrapalhar meu compromisso com meu companheiro(a).
7. Não deixaria que nada interferisse no meu compromisso com meu companheiro(a).
8. Espero que meu amor por meu companheiro(a) dure pelo resto da vida.
9. Estou determinado a manter minha relação com meu companheiro(a).
10. Estou seguro do meu amor por meu companheiro(a).
11. Meu companheiro(a) pode contar comigo quando precisar.
12. Eu gosto muito do contato físico com meu companheiro(a).
13. Eu acho meu companheiro(a) muito atraente.
14. Eu tenho fantasias com meu companheiro(a).
15. Só em olhar para meu companheiro(a) fico excitado(a).
16. Me pego pensando em meu companheiro(a) várias vezes durante o dia.

ANEXO 4:
INVENTÁRIO DE PARCEIRO-IDEAL (IDEAL-PARTNER INVENTORY:
IPI – Fletcher, Simpson, Thomas & Giles, 1999)

INVENTÁRIO DE PARCEIRO-IDEAL

Abaixo estão uma série de declarações sobre o seu parceiro (a) e seu relacionamento atual, bem como sobre como seria o seu parceiro (a) ideal e o seu relacionamento ideal. Por favor, para cada uma das seguintes declarações, você deverá responder utilizando uma escala de 0 = nem um pouco parecido com meu parceiro ou 0 = nem um pouco parecido com o meu relacionamento a 7 = muito parecido com o meu parceiro ou 7 = muito parecido com o meu relacionamento.

Considerando o seu parceiro (a) ATUAL o quanto você concorda com as seguintes declarações:

Considerando o seu parceiro (a) IDEAL o quanto você concordaria com as seguintes declarações:

1. Meu parceiro (a) é compreensivo.
2. Meu parceiro (a) me apoia.
3. Meu parceiro (a) é considerado.
4. Meu parceiro (a) é gentil.
5. Meu parceiro (a) é um bom ouvinte.
6. Meu parceiro (a) é sensível.
7. Meu parceiro (a) é aventureiro.
8. Meu parceiro (a) tem um corpo atraente.
9. Meu parceiro (a) é extrovertido.
10. Meu parceiro (a) é sexy.
11. Meu parceiro (a) é atraente.
12. Meu parceiro (a) é um bom amante.
13. Meu parceiro (a) tem um bom emprego.

14. Meu parceiro (a) é financeiramente seguro.
15. Meu parceiro (a) tem uma boa casa ou apartamento.
16. Meu parceiro (a) é da etnia certa.
17. Meu parceiro (a) é bem-sucedido.
18. Meu parceiro (a) se veste bem.

ANEXO 5:
QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

- 1) Qual o seu sexo?
- 2) Qual a sua idade?
- 3) Qual a idade do(a) seu(a) parceiro(a)?
- 4) Qual a cidade e o estado onde reside?
- 5) Com qual etnia (ou cor da pele) você se identifica?
- 6) Qual a etnia (ou cor da pele) de seu(a) parceiro(a)?
- 7) Quanto tempo de relacionamento, em anos?
- 8) Qual a sua religião?
- 9) Qual o seu nível escolar?
- 10) Qual o nível escolar do(a) seu(a) parceiro(a)?